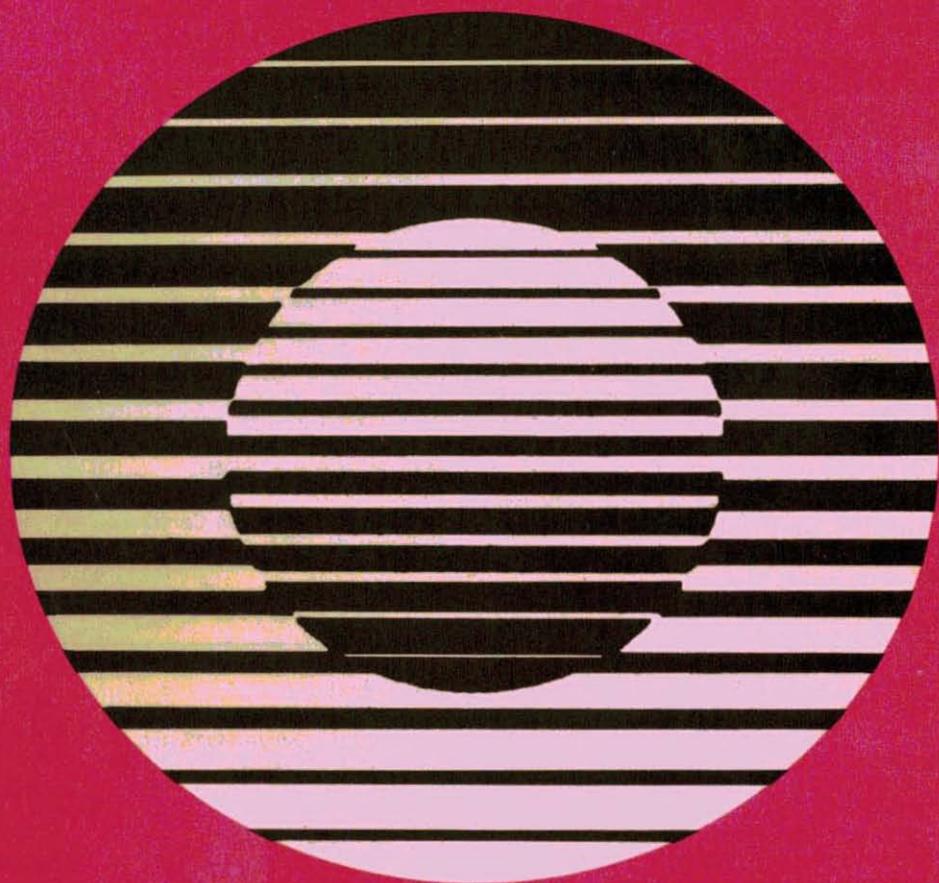


convergência

DEZ — 1990 — ANO XXV — Nº 238



-
- **"CLAMOR" E "DIÁLOGO" NA VIDA RELIGIOSA**
Frei Luiz Susin, OFM Cap — página 594
 - **VIDA RELIGIOSA COMO CRISE NO PROCESSO CULTURAL** — Pe. Matias Martinho Lenz, SJ — página 624
-

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Ático Fassini, MS
Pe. Cleto Caliman, SDB
Ir. Delir Brunelli, CF
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1990

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea	NCz\$ 429,00
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea.....	US\$ 48,00
Número avulso	NCz\$ 42,90

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfca — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

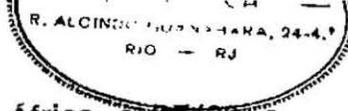
Sinaliza, em instantânea percepção visual ilusória, algo como uma tela de TV, este prodigioso projetor de cenários fugidios, incapaz, porém, de revelar a realidade por trás da rapidez da luz em movimento e da imagem em ação. A TV domina o nosso cotidiano e reflete, em nossas estruturas interiores, o conjunto da trama de nosso tempo. Cada vez **MAIS** se pensa **MENOS** sem a **IMAGEM** como fator constituinte de sua expressão ou de seu processo de criação. Hoje a dinâmica telemática, com horizontes inimagináveis, ameaça aposentar o papel como suporte fi-

sico informacional. A sociedade informatizada tornou obsoletos os parâmetros unidimensionais da linha e bidimensionais da superfície. Ela quer o ESPAÇO e, por isso, o código agora é outro: antena parabólica, disquete, fotograma de vídeo, 'frame', inteligência artificial, laboratório holográfico, 'laser', osciloscópio, satélite, terminal de acesso remoto, 'transponder', etc. Utilizando avanços tecnológicos eletroacústicos, sonha-se com o som da cor e a cor do som sintetizados eletronicamente com força icônica e semântica. É no vídeo, se alega, e não na PÁGINA que a palavra, num 'clone' sincrético, se realiza plenamente. // A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) dispõe de uma retórica como estratégia de argumentação que busca convencer quanto à credibilidade de sua mensagem. **CONVERGÊNCIA** é o meio de que se utiliza. Aqui o meio já é a mensagem. **SÓ**, a visualização ilude, cria fantasia conceitual e nos mantém na casca de nós mesmos. A LEITURA, porém, propicia o retorno e novas interpretações. LER **CONVERGÊNCIA**, mensalmente, é fértil plataforma de novas possibilidades de iluminação dos mistérios que a Vida Religiosa envolve pelo lampejo de uma observação inédita proveniente da fé (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	577
SEMINARISTAS NA PASTORAL UNIVERSITÁRIA (PU): SIM OU NÃO? Pe. Giuseppe Leonardi.....	578
SÃO JOÃO DA CRUZ E O MISTÉRIO PASCAL Pe. Bertrand de Margerie, SJ	585
"CLAMOR" E "DIÁLOGO" NA VIDA RELIGIOSA Frei Luiz Susin, OFM Cap.....	594
VIVER NA FÉ EM UM MUNDO CULTURALMENTE PLURALISTA Pe. J. B. Libânio, SJ	609
VR COMO CRISE DO PROCESSO CULTURAL Pe. Matias Martinho Lenz, SJ	624
ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR Irmã Yolanda Nascimento, MJC.....	637



Ao findar o ano, brota em nós a gratidão a Deus por sua benignidade ao fazer-se nosso irmão em Jesus de Nazaré.

Sentimo-nos unidos a Maria que viabilizou a concretização histórica do projeto de Deus. Soube ler, no livro da história, a presença do Reino. Por isso, proclamou a grandeza do Senhor que nela realizou maravilhas. Exaltou o Nome de Javé pois sua misericórdia chega aos que o temem, na sucessão das gerações. Ali Maria reconhece a ação do braço forte do Senhor que protege seus pobres e despede os ricos de si mesmos. É desse Deus que ela aceita ser Mãe!

No quadro de 1990, Maria nos ensina a ler pelo beabá das letras de Deus. Tomando nossa mão entre as suas, vai nos apontando, pelas linhas tortas de nossa história, os fatos e gestos vazios de misericórdia de Deus porque repletos de nosso humano orgulho: — o endurecimento de coração dentro e fora de nossa Igreja, o sofrimento imenso de nosso povo, o desemprego, a recessão, a violência. . .

Mas ela nos ajuda igualmente a percorrer as linhas retas por onde o dedo de Deus veio escrevendo, discretamente, seu diário de presença amorosa no meio de nós: — a viagem missionária da

CNBB/CRB à África, a CF790, o início da caminhada rumo a SANTO DOMINGO, a análise, desencadeada pela CNBB, da situação educacional em nosso país, a publicação dos CADERNOS da CRB, do boletim CRB A CAMINHO, da coleção TUA PALAVRA É VIDA, a realização de Seminários, Cursos, Encontros de Juniorado e Assembléias Regionais sobre o tema "Espiritualidade e Nova Evangelização", a publicação do documento da Congregação para os Religiosos, "Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos", e da Carta Apostólica de JOÃO PAULO II, "Aos Religiosos e às Religiosas da América Latina por ocasião do V Centenário da Evangelização do Novo Mundo", a realização do Sínodo sobre a formação presbiteral, o testemunho de fé e paciência no sofrimento de Dom LUCIANO MENDES DE ALMEIDA SJ. . .

Diz o texto que Maria passou três meses com Isabel. Devem ter conversado longamente sobre a inaudita experiência de Deus que vinham fazendo.

Em nossa parca sabedoria das coisas de Deus queremos antes que ela fique sempre conosco, para que, com ela, possamos ler as maravilhas de Deus em nossa história também. Então o NATAL será FELIZ!

Pe. Atico Fassini, MS

SEMINARISTAS NA PASTORAL UNIVERSITÁRIA (PU): SIM OU NÃO?

*Dói ver nossas Universidades e Faculdades
inclusive e sobretudo as Católicas,
abarroçadas de religiosos
e religiosas, de seminaristas e junioristas
e ver que a Boa-Nova não é anunciada.*

Pe. Giuseppe Leonardi
Ex-Assessor da CNBB para a PU

Como ex-seminarista que sou (todo padre é) e como velho assessor da PU, me interessa muito o problema da presença de seminarista na PU, mas também da ausência de muitos deles, que estudam na Universidade, mas não ligam para a evangelização deste ambiente; e me interessa examinar as reações dos militantes da PU a esta problemática. Neste texto uso o termo "seminarista" num sentido muito amplo, com referência não só aos jovens (homens) que se preparam para o presbiterato, mas também para as jovens e os rapazes que se formam para a vida religiosa, e são chamados, às vezes, junioristas.

A pergunta fundamental é: eles e elas, se forem universitários, devem participar, como militantes ou assessores, na PU? É bom para a

PU? É bom para a formação deles(as)? É um assunto polêmico e meu texto quer suscitar debate, nestas mesmas páginas. Escrevam.

**Devem seminaristas
entrar na PU? Devem sim.**

Quer dizer: se um seminarista está na Universidade para seus estudos, deve, sem dúvida alguma, anunciar o evangelho no ambiente e portanto, fazer pastoral na Universidade, como qualquer outro cristão. A pastoral não é atividade isolada, logo deve ser realizada de forma organizada e orgânica; nada melhor do que associar-se aos que já desenvolvem esta pastoral de ambiente, de forma oficial, quer seja através de grupos de PU diocesana, quer através de grupos de movi-

mento, quer de outra forma qualquer.

Dói o coração ver nossas Universidades e Faculdades (inclusive e sobretudo as católicas) abarrotadas de religiosos e religiosas, de seminaristas e junioristas, e ver que a boa nova não é anunciada. Os motivos são vários.

Principalmente os seminaristas religiosos, de institutos masculinos e femininos, que são estudantes universitários, costumam estar sobrecarregados de trabalho e passam através dos quatro anos de curso na correria, preocupados mais em arranjar tempo para freqüentar as aulas, "tirar o canudo" e deixar rapidamente o ambiente, que em sentir a Universidade como um ambiente de evangelização.

Irmãs em formação são positivamente desencorajadas de misturar-se demais aos colegas, e sua influência em geral não vai além de um grupinho de três amigas piedosas. Seminaristas são pesadamente criticados, não raramente afastados do seminário, quando se dedicam ao ambiente, e mergulham nas atividades do Movimento Estudantil — sobretudo se a Universidade é uma das nossas.

É verdade, o ambiente universitário não é dos mais fáceis e a vida dos estudantes não é talvez das mais exemplares. É um ambiente um tanto cínico, gozador, boêmio. A pastoral universitária requer maturidade e segurança na própria vocação. No entanto, não há dúvida de que os seminaristas presentes como estudantes no ambiente universitário são cristãos que têm, tam-

bém nesse ambiente, o dever do testemunho e do anúncio evangelizador. A eles também será pedida conta, um dia, do anúncio do evangelho na Universidade. Caberá aos formadores discutir com eles os problemas que se apresentam, as dificuldades de anunciar o evangelho no ambiente, os limites impostos à pastoral pela tarefa prioritária dos estudos e da formação, a necessária prudência e mortificação cristã e religiosa. Mas o dever, para estes jovens, de anunciar o evangelho no ambiente da Universidade fica absolutamente evidente.

Entre outras coisas, o contato de seminaristas com o Movimento Estudantil, mesmo que faça subir momentaneamente à pressão arterial de alguns administradores de nossas instituições de ensino superior e de responsáveis pelas Igrejas locais, terá a vantagem de proporcionar, aos que mais tarde serão talvez diretores, administradores ou professores nas escolas católicas e nas casas de formação (e instituições análogas em outras áreas da pastoral), uma sadia visão do ponto de vista do outro. E lhes fornecerá, em todo o caso, uma melhor formação política, uma certa capacidade de falar em público, de lidar com grupos grandes e pequenos, de assumir sua responsabilidade, com coragem e desprendimento. Sobretudo lhes ensinará a capacidade e a vontade de anunciar o evangelho "no tempo oportuno e no inoportuno" (2Tm 4,2); de florescer na luz de Deus, onde ele nos semeou. Nem que seja nas gretas entre as pedras.

Apesar do aperto em que se encontram muitas comunidades, sem-

pre com falta de pessoal, caberia refletir sobre a possibilidade de valorizar mais, como valor em si e, em alguns casos, como espaço de experiência pastoral orientada, o tempo de formação universitária dos seminaristas. Esta sugestão vale tanto mais para as Congregações que têm o carisma da educação e de apostolado um tanto complexos. Quatro anos de estudos universitários honestos, sérios e bem feitos, com tempo para assistir com calma às aulas, tempo para estudar, tempo para a biblioteca, o laboratório, o trabalho de campo, bem como para orar, refletir, ler e dormir — coisa rara para os seminaristas universitários — serão um capital empastado sabiamente, que não deixará de dar seus frutos no tempo devido. É preciso que, também para as pessoas consagradas, a Universidade deixe de ser uma fábrica de “canudos” vazios, puramente formais, e se torne uma escola de vida, uma fonte de crescimento intelectual, cultural e espiritual, um alicerce para uma vida pastoral de classe.

Devem seminaristas entrar na PU? Não devem.

Não devem — ao menos da forma corrente e na situação atual. Em mais de 14 anos de experiência na PU, vi que, na maioria dos casos, a presença de seminaristas na PU é raramente interessante, assim como ela acontece.

Não é bom para a PU: porque o seminarista tende a assumir a tarefa de assessoria, sem ter em geral a preparação, a idade e a capaci-

dade para tanto e impede, com sua presença, a procura e a formação de um verdadeiro assessor; ou então, o seminarista tende a assumir a liderança do grupo, como militante. Mais freqüentemente, o seminarista é uma mistura de militante (como estudante) e assessor (como eclesiástico atual ou futuro) que não convence e não constroe.

Não é bom quando, sobretudo em Universidades Católicas ou outras IESCs, e ainda mais em cursos humanísticos, há uma concentração excessiva de seminaristas, o que clericaliza a PU, torna atípico o grupo, tolhe os leigos de sua iniciativa.

Não é bom para o seminarista. Cansei de ver seminaristas da PU abandonar o seminário ou a casa religiosa, e por isso estou um tanto pessimista no assunto. Há ligação entre a desistência de tantos seminaristas e sua participação na PU? Precisava perguntar a cada um, e obter uma resposta sincera, mas eu acredito que sim, por uma série de motivos. É claro que isso se dá também em outras pastorais, mas aqui estamos interessados principalmente na nossa.

A PU é uma pastoral avançada, engajada no social e no político, em uma boa linha de transformação e libertação. É também, ainda e infelizmente, uma pastoral na qual se reza pouco, na qual a espiritualidade é, por vezes, profunda, mas não encontrou, ainda, formas freqüentes e claras de expressão. Principalmente, a espiritualidade da PU é e deve ser espiritualidade leiga. O seminarista devia entender que esta

espiritualidade é para os militantes realmente leigos, mas que ele, enquanto seminarista, cristão que se forma para ministérios ordenados e/ou para a vida consagrada, deve formar-se gradativamente para uma espiritualidade especializada, que é, por um lado, mais rica; por outro lado, menos emocional e mais formal em suas expressões comunitárias no ambiente do seminário. As duas espiritualidades são necessariamente diversas, porque refletem diferentes carismas e alimentam diferentes tarefas e vivência na Igreja. Querer introduzir a espiritualidade da PU e suas expressões externas, seu estilo, sua criatividade, até mesmo seus defeitos e limites, no seminário ou na casa religiosa, diretamente e sem convenientes espírito crítico, moderação e diálogo, é um erro que abre freqüentemente uma vala entre os nossos seminaristas e suas respectivas comunidades de formação.

O contrário também é verdadeiro: é errado tentar forçar os militantes da PU a práticas religiosas ou até ao desenvolvimento de uma espiritualidade de tipo clerical ou religioso, querer queimar as etapas da formação religiosa de grupo, com o perigo de desestimulá-los ou até de forçar sua saída do grupo.

Por outro lado, o ambiente universitário é, por natureza, contestador. A PU, ainda mais, costuma ser uma instância crítica no ambiente, organizar e liderar a oposição. Quando o seminarista menos avisado, que freqüenta a PU, leva para dentro do seminário este espírito de crítica sistemática e uma análise de cunho puramente sociológico em

termos de poder, de opressores e oprimidos, é claro que ele tende a "bagunçar o coreto" do seminário e em breve tempo sua posição se torna insustentável.

Há outro motivo prático: costumamos dizer que PU é PN (= pastoral noturna), ou seja uma atividade pastoral que freqüentemente tem como único tempo de encontro as horas noturnas; uma comunidade pastoral que, depois das aulas ou no fim dos encontros e reuniões, aprecia sentar num boteco e tomar uma cerveja, conversando de militância e de RDV, de Dom Pedro Casaldáliga e da Nica, de ERPU, e EIRC e ENAPU até altas horas da madrugada. O ritmo e o horário do seminário, com variantes, é diferente. Seminaristas em geral levantam cedo, têm nas primeiras horas da manhã sua oração (meditação, laudes, por vezes a missa); a transferência para a Universidade ou o "Studium teologicum" e as aulas. À noite vão dormir cedo, em geral. Para o seminarista da PU, o desgaste é violento, quando ele tenta combinar ambas as coisas; e ele vai à cata de complicações se, eventualmente, no caso de seminários mais severos, costuma voltar para casa às duas da madrugada, pulando o muro do quintal.

Há um motivo mais profundo e um tanto lastimável: a PU tem freqüentemente certos preconceitos para com o clero: ela quer padres para assessores, mas, ao mesmo tempo, não parece apreciar o estado presbiteral para o qual reserva algumas críticas, nem sempre constru-

hierarquia, celibato. Cabe refletir sobre o presbítero e sua posição na Igreja, inclusive com relação à PU.

Em segundo lugar é necessário desenvolver um ambiente de maior respeito e estima pelas escolhas pessoais, dentro de uma comunidade de pessoas livres (da liberdade dos filhos de Deus), onde cada um escolhe seu caminho conforme a revelação do Espírito, pelo bem comum (cfr 1Cor 12,7), e é respeitado por todos, em sua escolha; aliás é apoiado, aliás é incentivado. Neste tipo de comunidade, quem escolhe o casamento e está namorando, respeita quem escolheu não casar; quem escolheu o casamento, mas no momento está só, respeita quem escolheu não casar, pelo Reino; inclusive através da forma de respeito que é não paquerar, não criticar, não debochar da vocação e do estilo de vida do outro. Quem escolheu o celibato respeita a escolha dos outros que percorrem ou pretendem percorrer o caminho mais normal do casamento.

Um seminarista devia ser a “menina dos olhos” de um grupo de PU; a esperança de se ter amanhã um presbítero ou uma religiosa engajados e totalmente dedicados ao Evangelho e ao povo; quem sabe, também um bom assessor a mais para a PU. A presença de um seminarista no grupo de PU é também um sinal da graça pluriforme de Deus, uma prova da multiplicidade dos dons do Espírito Santo. E portanto também uma demonstração da vitalidade cristã desse grupo.

O grupo de PU há de ser um ambiente onde o seminarista se sente

em família, sabe que é apreciado e ajudado, sente que os colegas trabalham e rezam para colaborar com sua formação, torcem pela sua chegada à meta, estarão presentes no dia da ordenação presbiteral ou da profissão religiosa com alegria a brilhar nos olhos e, quem sabe, com algumas lágrimas de comoção também.

Revisão de vida dos seminaristas

Por outro lado, há algo a mudar também na vida dos seminaristas que se engajam na PU. Eles não de se dar conta de que cada escolha pastoral necessita de graça especial e de um estilo de vida particular.

O seminarista na PU deverá viver uma espiritualidade intensa, que se expressará no mesmo Espírito mas de forma diferente, nos momentos de explicitação da espiritualidade da PU, e no ritmo de oração do ambiente de formação. Ele há de entender que suas duas atividades, de formação e de trabalho pastoral, têm suas exigências e existem dentro de uma precisa hierarquia: durante o tempo de formação, os estudos e a vivência comunitária formativa estão em primeiro lugar e não podem ser sacrificados à atividade pastoral. Esta pode ser valiosíssima, em pequena dose (como o sal no pão) porque dá sentido à preparação, estimula os estudos, ajuda a manter os pés no real, incentiva a vida de oração, faz entender a importância da ascese e da mortificação, amadurece as virtudes humanas e cristãs.

O seminarista da PU deve entender que os dois ambientes que ele

frequente (seminário e PU) tem estilo, mentalidade, terminologia, costumes, objetivos e métodos diferentes. O que é, eventualmente, bom na PU não é necessariamente bom no seminário. "Tudo me é permitido, mas nem tudo convém; tudo me é permitido mas nem tudo edifica" (1Cor 10,13). Acredito que muitos aspectos da vida e prática da PU, que são necessários, úteis ou toleráveis no exercício da PU, não convêm e não edificam quando transferidos ao seminário.

É outro o Espírito? Não, evidentemente. O Espírito é o mesmo, o de Cristo; mas o ambiente é diferente, e diversa é a exigência.

Um seminarista, por exemplo, devido ao ritmo e ao estilo diferente de vida, terá uma atitude diferente

dos seus colegas leigos frente ao baile, à paquera, ao namoro, aos horários noturnos. Não por desprezo para com estas atividades humanas que, quando realizadas no respeito da lei de Deus e com estilo cristão, são boas; mas porque seu plano de vida é diferente: leva ao celibato e a uma vida mortificada e austera.

A mortificação, a seriedade, a oração serão portanto uma constante na vida do seminarista que se engaja na PU.

Possivelmente, sua atividade pastoral na área da PU deverá ser organizada como estágio, sob orientação de pessoa experiente, dentro de um clima de sinceridade, de revisão, de estudo, de formação à pastoral específica. □

Por que os católicos se transferem para outras igrejas?

Não tenho uma resposta analítica satisfatória para este fato. É um desafio que ainda precisa ser aprofundado. No entanto, examine estes aspectos. Há um *componente econômico*. Estes grupos oferecem ajuda ou salvação financeira. Você sabe: a pobreza absoluta e a miséria materiais para uma multidão inumerável são de meter medo. Há um *componente psicológico*. As pessoas buscam FAMILIARIDADE religiosa que não é fácil encontrar na Igreja Católica. O homem contemporâneo anseia por uma experiência muito imediata do sagrado. Ficou muito difícil confiar num Deus invisível, confiar numa grande comunidade onde se vive anônimo e sem rosto. Há um *componente social*. Com a dissolução da estrutura familiar, deixou de existir também a proteção social da fé. Antes, tudo era católico. Num mundo pluralista, o individualismo expõe cada um de forma estupefacente. Seja lá como for, urge mesmo, de nossa parte, numa evangelização nova, uma vitalização da comunidade paroquial (Pe. Marcos de Lima, SDB).

SÃO JOÃO DA CRUZ E O MISTÉRIO PASCAL

São João da Cruz não é apenas o doutor do puro amor doloroso que nos configura com Jesus Crucificado. Ele é, ainda, o doutor do puro amor gozoso, glorioso, feliz.

Pe. Bertrand de Margerie, SJ

Paris, França

Recordemos, por ocasião do IV Centenário da morte de SÃO JOÃO DA CRUZ, em 1991, um trecho da Canção II da Viva Chama:

“Ó Toque delicado, tu, ó Verbo Filho de Deus, que, pela delicadeza de ter ser divino, penetras subtilmente a substância de minha alma, e, tocando-a delicadamente, em Ti absorves toda com tão divinos gêneros de deleites e suavidades, como jamais se ouviu na terra de Canaã, nem se ouviu em Teman! (Bar 3,22). Ó pois, muito e muitíssimo delicado Toque do Verbo, tanto mais delicado para mim quanto te fizeste sentir suave e fortemente ao Profeta no sopro da branda vibração no monte Horeb, com a sombra de teu poder e força que caminhava à tua frente! (3 Rs 11 e 12). Ó aragem branda, que sopras tão tênue e delicada, diz: como tocas subtil e delicadamente, ó Verbo Fi-

lho de Deus, se és tão terrível e poderoso? Ó ditosa e mil vezes ditosa a alma em que tocas subtil e delicadamente, tu que és tão terrível e possante! Diz isto ao mundo! ou antes, não o queiras dizer ao mundo, porque ele não entende de aragem branda, e não sentirá, pois não te pode receber nem te pode ver. (Jo 14,17). Só poderão ver e sentir teu toque delicado, Deus meu e vida minha, aqueles que alheando-se do mundo, se subtilizaram espiritualmente, convindo subtil com subtil e assim se tornem aptos para te sentir e gozar. A esses tanto mais delicadamente tocas, quanto, estando já subtil, polida e purificada a substância da alma, estranha a toda a criatura, a todo vestígio e toque de coisa criada, estás tu escondido no seu íntimo, morando e permanecendo nela. E nisto os escondes no esconderijo de tua Face — que é

Verbo — a salvo da conturbação dos homens (Sl 30, 21). Ó pois, outra vez e muitas vezes delicado toque, tanto mais forte e poderoso, quanto mais delicado! Porque com a força de tua delicadeza, desfazes e apartas a alma de todos os demais toques de coisas criadas e te apossas somente para ti, unindo-a contigo. Tão delicado efeito e impressão nela deixas, que qualquer outro toque de todas as coisas altas ou baixas lhe parece grosseiro e indigno, tendo por ofensa até mesmo o olhar para elas e sentindo pena e tormento em as tratar e tocar.”

Quis começar este estudo sobre São João da Cruz e o Mistério Pascal, mistério da morte e da Ressurreição de Jesus, escavando esta admirável oração dirigida ao Verbo de Deus. Vamos mostrar a importância do pensamento e da doutrina do Místico Doutor, no contexto desta preocupação teológica de hoje: “O Mistério Pascal”.

Aparentemente, São João da Cruz está mais longe desta preocupação.

Talvez as irmãs conheçam a declaração do conhecido Cardeal e teólogo suíço H. Urs Von Baltazar que diz que a mística dos Padres da Igreja era uma mística objetiva, sacramental e dogmática, ao passo que, acrescenta ele, a doutrina de Santa Teresa e de São João da Cruz, seria uma mística subjetiva e psicológica. Na verdade, houve nesta passagem da primeira forma para a segunda um progresso, mas de todos os modos, a vida e doutrina de São João da Cruz mostram-nos os fundamentos dogmáticos e sacramentais

objetivos dessa doutrina subjetiva e psicológica que ele nos apresenta.

Veremos como a Missa, renovação do sacrifício da cruz, foi o centro da vida espiritual de São João da Cruz, a fonte de sua participação na Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo. Isto será a primeira parte, e em segundo lugar veremos como esta Missa foi a fonte e o lugar por excelência do seu encontro com as Três Pessoas Divinas, o que veremos mais brevemente depois.

I.

A primeira Missa de São João da Cruz é a confirmação na graça de Cristo Crucificado e Ressuscitado.

Convém citar o que nos refere o Padre Penido no seu admirável *Itinerário Místico de São João da Cruz*: “Ordenado sacerdote em fins de 1567 veio o santo celebrar sua primeira Missa em Medina del Campo. O neo-presbítero, no vigor de seus 25 anos, sentiu-se fraco, temeu o pecado e ele que mais tarde exclamará: “antes morrer e arrepentir do que pecar”, quando teve em suas mãos o suspirado Jesus, orou com a intensidade de filho de Elias, suplicando que jamais incidisse em pecado ou falta grave, suportasse nesta vida todas as penas devidas aos pecados, que na sua fragilidade seria capaz de cometer, contanto que não se inclinasse para o mal. Perguntado anos após, se havia sido atendido, respondeu singelamente que o acreditava como acreditava ser cristão. Realmente, essas graças que ele pedia, jamais incidir em falta grave e sofrer nesta vida, essa graça era a graça da perseverança,

da confirmação em graça, graça por excelência.”

Um pouco mais adiante lemos que São João da Cruz dizia a uma religiosa: “Minha filha, nada procure senão a cruz nua, porque é deliciosa”! E sobretudo, sabemos que em Segóvia, ele fez a Jesus a célebre oração: “Senhor, dai-me trabalhos e sofrimentos por vós, que todos me desonrem e não façam caso de mim por vosso amor”! O amor do Santo pelo Crucifixo ocasionou a aparição do Senhor e a resposta do Cristo, que significava aos olhos de São João da Cruz, que a recompensa que ele desejava era o sofrimento por amor de Cristo Crucificado. Estes incidentes da primeira missa e da oração de Segóvia, decisivos na vida do santo doutor, nos mostram que o Mistério Pascal e Eucarístico, era realmente o centro da existência dele. (Por mistério Pascal entendemos o complexo da Paixão, Ressurreição de Cristo e a celebração da Eucaristia que nos faz participar neles).

Poderíamos ainda citar o desejo que o Santo tinha de celebrar a Santa Missa em honra da Virgem Assunta, quando estava gemendo na prisão de Toledo, e os poemas Eucarísticos também. Com este pano de fundo, bem presente à mente, vamos entender melhor o caráter existencial e pascal da doutrina de nosso Santo doutor, João da Cruz.

O Verbo Encarnado é realmente o centro do pensamento do Santo, como aparecê claramente na Subida do Monte Carmelo, 2,22. Diz, que em Cristo temos todas as respostas às nossas perguntas. Porque, em dar-nos o Pai o seu Filho, que é a

sua única Palavra, não tem mais nada para nos dar. Tudo nos disse nitidamente e de uma só vez, nessa única Palavra, e não tem mais nada a falar. E é por isso, então que o Santo no mesmo livro da Subida cap. 7, 11, indica as conseqüências no célebre parágrafo 11: “É certo que à altura da morte Jesus ficou também aniquilado na alma, sem consolo e alívio algum, deixando-O o Pai em íntima secura, quanto à parte inferior. Foi este o maior desamparo de sua vida. Fez nele a maior obra que em toda sua vida com milagres e obras havia feito, que foi reconciliar e unir o gênero humano pela graça, com Deus. Isto foi no tempo e na hora em que o Senhor esteve mais aniquilado em tudo, quanto à reputação dos homens e quanto à natureza e ao desamparo do Pai. E por isso ele deduz a conclusão: para que o bom espiritual entenda o mistério da porta e do caminho de Cristo, para que se una a Ele e saiba que, quanto mais se aniquilar por Deus segundo estas duas partes, sensitiva e espiritual, tanto mais se une a Deus e maior obra faz.

Eis realmente, o reflexo espiritual, subjetivo e psicológico desta doutrina objetiva, deste misterioso dogma da Redenção pela Cruz, exaltado ainda pelo Santo, quando diz: “O renunciar por Cristo a tudo que a vontade pode apetecer e gostar, este vai conquistar a vida espiritual, isto ensinou Cristo também aos dois discípulos, que lhe pediram a direita e a esquerda no Reino de seu Pai. Ele não deu despacho a tal pedido, mas ofereceu o cálice que havia de beber, como coisa mais preciosa e

segura neste terra, do que o gozar”.

Eis o puro amor doloroso, no aspecto ascético e voluntário adquirido e há também o aspecto místico infuso neste puro amor doloroso. É o desgosto por todas as coisas criadas, primeiro degrau da escada mística do amor divino, da qual nos fala a Noite Escura (cap. 2, 19). Lá podemos ver a consequência deduzida pelo Santo: achar aborrecidas e pesadas, não só as coisas, mas ainda quaisquer relações. Tudo isto é morrer ao mundo, em união com Jesus Crucificado, presente na Eucaristia sob sinal de morte, tudo isto é graça sacramental da Eucaristia. O Mistério Eucarístico e Pascal contém e aperfeiçoa o mistério da criação. É sobretudo na Comunhão Eucarística que se realizam a ferida e a chaga de amor, descritas no Cântico Espiritual (Cap. 7, 1, 3). Percebemos quando lemos estes textos de São Paulo da Cruz que, o que o Santo quer, é o que o Papa Pio XII tão bem descreveu, em sua admirável Encíclica sobre o culto que se deve prestar ao Coração Sagrado de Jesus, nos fazer amar o amor criador e redentor de Deus, prestando culto ao Sagrado Coração de Jesus deste modo.

São João da Cruz, não é somente o Doutor do puro amor doloroso, que nos configura com Jesus Crucificado, ele é ainda o doutor do puro amor gozoso, glorioso e feliz. Não é somente o contemplativo da cruz de Cristo, mas é ainda o contemplativo da Ressurreição de Jesus Crucificado. Poderíamos dizer: S. João da Ressurreição, como aparece em particular, através do Cântico Espiritual (Cap. 5-4).

Segundo ensina São Paulo, o Filho de Deus é o Esplendor de sua glória e figura de sua substância. “Olhou Deus para todas as coisas que tinha feito e eram muito boas. Vê-las muito boas, era fazê-las muito boas, no Verbo seu Filho. Não só olhando-as, lhes comunicou o ser e a graça naturais, mas também com só esta figura de seu Filho, as deixou vestidas de formosura, comunicando-lhes o ser sobrenatural. Isto foi quando se fez Homem, exaltando-O em formosura de Deus e por conseguinte a todas as criaturas nEle, por se ter unido a natureza de todas elas no homem. Assim nesta exaltação da Encarnação do seu Filho e na glória de sua ressurreição segundo a carne, não somente o Pai aformoseou as criaturas em parte, mas podemos dizer totalmente as deixou revestidas de formosura e de dignidade.”

Aos olhos extasiados de São João da Cruz, a Encarnação tem um sentido, um alcance universal, cósmico. Quando o Verbo se encarnou todos os homens e mesmo toda a natureza recebeu uma nova dignidade e beleza. O universo inteiro se tornou como que o prolongamento do Verbo Encarnado. Por quê? Porque a natureza humana, resume e condensa em si todas as perfeições dos seres espirituais e corporais que integram o universo. Mas, esta exaltação do homem, de cada um de nós e do universo inteiro pela Encarnação, atinge o seu cume pela Ressurreição de Jesus Cristo, segundo a carne, quando Jesus transformou seu corpo mortal e passível, num corpo imortal, glorioso e impassível. Então revestiu-se completamente de

formosura e dignidade. Todos os homens são irmãos de Jesus Ressuscitado. Devemos ver Jesus em cada homem, olhar o universo inteiro como transbordando da beleza divina, da formosura de Deus; como São João da Cruz e da Ressurreição, olharemos todas as coisas como figuras do Filho de Deus, esboçado nelas.

A contemplação cósmica de Jesus Ressuscitado, terá como conseqüências subjetivas e psicológicas a alegria que segue a fixação total do coração no Amado, no Bem-Amado, a alegria descrita na Noite Escura (2,19-2):

O segundo degrau faz com que a alma busque sem cessar a Deus. Neste degrau a alma anda toda solícita e busca o Amado em todas as coisas. Em tudo quanto pensa, pensa logo no Amado, em tudo quanto diz, em todos os negócios que se oferecem, logo é falar e tratar do Amado. Quando come, quando dorme, quando vela, quando faz o que quer que fôr, todo o seu cuidado está no Amado como acima ficou dito nas ânsias do amor." À semelhança de Jesus Ressuscitado, a alma não só morreu para o mundo, mas "vive" positivamente em Deus. A alma ferida tem sempre, como diz São João da Cruz, presente aquele aí! de sua saúde, que é o seu Amado, em todas as coisas que se lhe oferecem tratar, tem sempre o coração fixo no Esposo. Jesus Ressuscitado é a saúde, a formosura da alma. Isso se realiza sobretudo na e pela comunhão Eucarística.

O fruto próprio da Eucaristia, a graça Sacramental deste Sacramen-

to, é o aumento da caridade, que traz consigo a alegria. É de uma maneira muito particular, durante a ação de graças, que se realizam os três primores da fruição celeste, de que nos fala a *Viva Chama* (Cap. 3,83-85). Vamos aqui somente dar as últimas frases deste parágrafo: "O terceiro deleite é gozá-lo só porque Ele é sem mescla alguma de gosto próprio. Louvar a Deus pelo que Ele é em Si, porque ainda que a alma não recebesse nenhum deleite O louvaria, por ser Ele Quem É. Louvar a Deus, só pelo que Ele é, o que é muito forte e delectável. E é isso, precisamente que aquele que recebe a Eucaristia, procura fazer em união com a Humanidade Sagrada de Jesus que está louvando o Pai.

Aqui seria ocasião de dizer uma palavra sobre a importância dos atos internos de alegria, nos quais S. Afonso M. de Ligório, via o ato perfeito, perfeitíssimo do puro amor. Regogijar-se porque Deus é eterno e infinitamente feliz, bastando isto superabundantemente para a nossa alegria e felicidade. Eis realmente um fruto da graça Sacramental da Eucaristia. Esses atos internos de alegria, durante a ação de graças, são atos de puro amor, fruto e exigência da Eucaristia e da Ressurreição.

São João da Cruz e da Ressurreição traduziu na *Viva Chama*, no plano individual, o que São Paulo afirmava colectivamente no prólogo da segunda Epístola aos Coríntios: "Bendito seja Deus o Pai das Misericórdias, que nos consola com toda a consolação, a fim de que possamos também consolar aos outros".

O ponto culminante da alegria pascal consiste em regozijar-nos com Jesus Ressuscitado da morte Dele, morte vitoriosa e triunfante! Repitamos com uma dolorosa alegria pascal, em nossas ações de graças eucarísticas, a jaculatória preferida de S. João da Cruz — “Senhor Jesus Cristo eu vos agradeço por terdes morrido por meus pecados!” E poderíamos acrescentar: “Senhor Jesus Cristo eu vos agradeço por terdes ressuscitado para minha justificação!”, adaptando assim o que diz São Paulo em sua Epístola aos Romanos (4,25). A alegria pascal e Eucarística da alma comungante redundando no corpo à imagem da Ressurreição de Jesus Cristo. Isto podemos entender melhor à luz da *Chama Viva* (2,22) onde lemos o seguinte: “Deste bem da alma, redundando por vezes ao corpo a união do Espírito Santo e dela goza toda a substância sensitiva, todos os membros e ossos e medulas, e não tão remissamente como de ordinário costuma acontecer, senão com sentimento de grande alegria, deleite e glória que se sente até às últimas articulações dos pés e das mãos. Nada de espantoso se isto acontece de modo especial quando temos em nós o Corpo Ressuscitado, as Mãos e pés transpassados do glorioso Senhor Ressuscitado!

Para sintetizar, então, o que temos dito em nossa primeira parte, vemos claramente na Obra do Doutor Místico, uma contemplação do mistério pascal, o que os padres gregos chamam — Economia — enquanto distinta da Teologia. Misterioso modo da nossa salvação, enquanto distinta da Trindade, esta

salvação considerada em Si Mesma. Nenhum texto apresenta isto, essa contemplação do mistério pascal por São João da Cruz, melhor do que o Cântico Espiritual (Cap. 37,3) — “O rochedo ou pedra de que aqui fala, é no dizer de São Paulo — Cristo — As erguidas cavernas neste rochedo são os subidos e altos mistérios da Sabedoria de Deus que há em Cristo, em razão de sua união hipostática — da Natureza Humana com o Verbo Divino — e da correspondência que há, entre essa união e a dos homens em Deus e da conveniência da justiça e da misericórdia de Deus na obra da salvação do gênero humano e na manifestação dos juízos divinos, mistérios, que por serem tão altos e profundos, a alma com muita propriedade chama: “erguidas cavernas”.

II.

Através desta economia de nossa salvação, pela morte e ressurreição de Jesus chegamos à teologia, à contemplação do Mistério Trinitário, à nossa segunda parte, mais breve.

Realmente, São João da Cruz se apresenta a nós como adorador e contemplativo da Trindade Santíssima dentro de sua própria alma e na Missa. Leíamos o que escreveu o P. Penido sobre o culto trinitário de S. João da Cruz. “Perguntando-lhes Sor Maria da Cruz, porque celebrava tão freqüentes missas votivas da Santíssima Trindade, respondeu com amável graça: “Porque a meu ver é o maior Santo do Céu!” — No mosteiro de Beas, certa monja, devotíssima do grande Mistério, assistia um dia ao Coro, quando lhe deu

um grande desejo de que todos os homens deste vale de lágrimas fossem como os habitantes do céu, sempre a amar e reverenciar o Deus Trino. Desejou ainda ouvir missa da Santíssima Trindade. Frei João da Cruz, naquela hora se paramentava na sacristia do convento e parece ter conhecido o que ia pela mente da religiosa, pois que, finda a missa chamou-a e lhe disse: "minha filha, como lhe agradeço por me ter feito celebrar a Missa em honra da Santíssima Trindade! Grande mercê me foi feita hoje ao celebrar. No momento da Consagração as Três Pessoas mostraram-se-me em nuvem muito resplandesciente! Oh! minha filha de que bens e glória fruïremos quando gozarmos da Santíssima Trindade e de sua visão!" Tendo dito isto, ficou suspenso por meia hora, parecendo um anjo! A Ana de S. Bastolomeu confiou que sua mais habitual presença de Deus consistia em trazer a sua alma dentro da Santíssima Trindade, e que em companhia daquele Mistério das Três Divinas Pessoas se achava muito bem, tão bem que sem particular auxílio do céu seria impossível continuar a viver.

Pela cruz e pela Eucaristia, São João da Cruz chegava à Santíssima Trindade. A contemplação da Sagrada Humanidade de Cristo é ainda para nós beatitude accidental e não essencial, como dizem os teólogos. A beatitude essencial deriva da contemplação da divindade e é essa beatitude essencial que S. João da Cruz hauria da contemplação da divindade do Verbo. Ora as Três Pessoas Divinas se encontram na alma. Permanecer escondido com o Ama-

do escondido, encontrá-Lo às escondidas, eis a vida escondida em Deus de que nos fala S. Paulo. Esta Presença de graça das Três Pessoas Divinas, está intimamente ligada com o mistério da Encarnação e com o mistério da Eucaristia. A razão de ser da Eucaristia é um incremento do amor divino, um enraizamento mais profundo da presença das Três Pessoas em nossas almas e, precisamente a Eucaristia é o Sacramento da caridade, do aumento da caridade para com as Três Divinas Pessoas.

Há uma correspondência, como já dissemos, entre a união hipostática e a união dos homens na graça. Uma causa a outra. Esta união de graça chega a seu aperfeiçoamento no matrimônio espiritual da Igreja Militante. Ela se exerce no amor de cada uma das Três Pessoas Divinas e seria este o momento próprio de reler, de aprofundar e de meditar essas sublimes orações: "Oh! branda mão do Pai, Oh! toque do Verbo (que lemos no início) e Oh! Cautério suave do Espírito Santo". Essas orações contidas na *Chama Viva* pedem e obtêm a morte de amor, não a morte natural fruto da idade, mas a morte sobrenatural, fruto de amor, que desata a alma do corpo e experimenta o sabor da vida eterna, para falar na linguagem do evangelho e de S. João da Cruz. A chaga, produzida pela contemplação do Verbo Encarnado, transforma-se na contemplação do Verbo gerado pelo Pai, do Verbo que é juntamente com o Pai o Espirador do Espírito Santo. A chaga produzida por esta contemplação, transforma-se na contemplação da incompreensibilidade

da Divindade, numa fístula transformada em amor, pela contemplação do amor incompreensível. A pessoa como que morre de amor perante o não sei quê da Divindade! Mesmo na visão beatífica, para a qual é caminho mais curto esta morte sobrenatural de amor, Deus permanecerá incompreensível para nós, mas também para Maria Santíssima e mais ainda para a Sagrada Humanidade de Cristo. Isto S. João da Cruz nos diz tão belamente no Cântico Espiritual (Cap 7,9): Uma das grandes mercês que Deus faz nesta vida a uma alma como de passagem, é dar-lhe claramente a entender e sentir tão altamente de Deus, que entende claro, que não se pode entender, nem sentir totalmente, porque é de alguma maneira a modo dos que O vêem no céu onde aqueles que mais O conhecem, entendem mais distintamente o infinito que lhes fica por entender. Aqueles que menos vêem, são os que não percebem tão distintamente o que lhes fica por ver. Claro que Maria Santíssima, e sobretudo a Humanidade de Cristo, estão vendo a Santíssima Trindade mais perfeitamente do que qualquer eleito.

Esta morte de amor é possível somente se houve antes as purificações passivas condicionadas pelas purificações ativas e pelas orações devastadoras: "Sofrer e ser desprezado por Vós" — ou "Pati et contemni pro Te"! S. João da Cruz e da Ressurreição, conheceu pessoalmente a morte de amor que ele tinha merecido, desejado e pedido. Realmente é o que aparece como um prolongamento da prece da primeira Missa de Medina del Campo, como também a consequência da prece de

Segóvia. São as três graças que o Santo pediu: "Morrer não sendo prelado, morrer num convento onde não fosse conhecido, morrer após ter sofrido muito." Já fora atendido em seu primeiro pedido, o foi também nos outros dois. Agonizante, este amante da música, agradecia aos que lhe queriam fazer música, para não sentir tanto suas dores. "Se Deus me manda estas dores que padeço, porque suavizá-las com música? Quero padecer as mercês que Deus me faz sem alívio algum".

Foi assim que S. João da Cruz chegou à visão beatífica da Santíssima Trindade; por isso ele não passou no purgatório, essa Trindade Santa morando em sua alma purificada. Já não era mais a visão intelectual recebida na Missa em Beas, a nuvem resplandescente que ainda estava escondendo o mistério, mas a visão gloriosa, implicitamente prometida na primeira Missa em Medina del Campo, quando pedia a graça da perseverança final e da confirmação em graça! A visão da Santíssima Trindade merecida pela constante união com a Humanidade Sagrada de Jesus Crucificado e pelo desejo do sofrimento. A Mãe do Verbo Encarnado, vinha buscá-lo agora e fixá-lo na contemplação facial das Três Pessoas Divinas.

Podemos terminar, lendo de novo a oração ao Cautério Suave do Espírito Santo da *Chama Viva* (Cap. 1,36).

"Ó Chama do Espírito Santo que tão íntima e suavemente transpassas a substância da alma e a cauterizas com tão glorioso ardor, pois já estás

tão amiga que mostras vontade de te dares a mim na vida eterna! Se até aqui minhas petições não chegaram aos teus ouvidos quando eu andava outrora com ânsias e fadigas de amor a penar no sentido e no espírito por causa de minha grande fraqueza e impureza, e da pouca fortaleza de amor, e rogava-te que me desatasses do corpo e me levasses — porque o amor impaciente não me deixava ter muita conformidade com esta condição de vida mortal em que me querias ainda. E se os ímpetos de amor anteriores não eram suficientes por não serem de tanta qualidade para alcançar o que desejava, agora já estou bem fortalecida no amor. Não só não desfalecem mais o sentido e o espírito em ti mas antes se acham fortalecidos por ti

e meu coração e minha carne gozam em Deus vivo, com grande conformidade entre ambos: portanto o que tu queres que eu peça, peço; o que tu não queres, não quero nem mesmo o posso, nem me passa sequer pelo pensamento querer. E, pois, diante de teus olhos minhas petições são mais válidas e estimadas, porque saem de ti, que “de teu rosto sai o meu juízo”, sendo esta a condição requerida para apreciares e ouvires os meus rogos, suplico-te cheia de gozo e sabor no Espírito Santo: rompe a tela finíssima desta vida, e não a deixes chegar até ser cortada de modo natural pela idade e tempo, a fim de que te possa eu amar desde logo com a plenitude e fartura que deseja minha alma sem termo nem fim”. □

Nada muda se Você não mudar

Bíblia — “Ao renunciar o justo à sua justiça e ao fazer o mal, é em virtude do mal que praticou que ele morrerá. Se o ímpio renunciar à sua impiedade, passando a praticar o direito e a justiça, salva sua vida. Ele viverá. Não morrerá”, Ez 18, 26-28.32.

Leitor — Há uma solidariedade dos outros no MEU pecado. Quando um ídolo ocupa, na pessoa, o lugar de Deus, a desordem atingirá a *todos*. A maldade está estruturada nas realidades todas: sociais, econômicas, políticas, culturais, nacionais e internacionais. Quem ainda não sentiu a perversidade de tudo quanto nos rodeia? E nos solicita para o mal? Mas não se pode acentuar unilateralmente esta responsabilidade coletiva para se isentar da responsabilidade individual. *Cada um*, na força de sua autonomia e unicidade pessoal, responde e paga pelo que faz ou deixa de fazer. A saída para a vida é uma só: o caminho da conversão pessoal. Renunciar à impiedade e à injustiça. Nada muda se Você não mudar (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

«CLAMOR» E «DIÁLOGO» NA VIDA RELIGIOSA

*O clamor é a dor que se expressa na forma de som.
Sua originalidade e espantosa novidade
é o excesso invasor e indomável. Não deixa
possibilidade à indiferença. Atinge todos os espaços.
Aquele que clama é, ele mesmo, um clamor.*

Frei Luiz Susin, OFM Cap
Porto Alegre, RS

O título se esclarece no decorrer do texto, mas uma fenomenologia do clamor e do diálogo põe a questão inicial: O "clamor" não é ainda um diálogo. Sua originalidade e sua espantosa novidade está em seu "excesso" invasor e indomável. É dor que se expressa na forma de som. O clamor está simbolizado no rugido do leão (Am 3,8): excessivo, ineludível, eficaz, sem deixar possibilidade à indiferença, atingindo imediatamente todos os espaços, o ouvido, o sentimento, a estabilidade. Todo clamor é um rompimento de paredes, com tal excesso que aquele que clama é, ele mesmo, todo clamor, todo excesso. Pelo

rompimento e pelo excesso do clamor, através do clamor mesmo, se é um clamor de oração, de socorro e súplica. Mas o clamor que chega aos ouvidos, que vem de fora, do outro, é também uma exigência e um mandamento — uma missão — um grito profético rompendo toda situação opressora e provocadora do clamor. De qualquer forma não pode deixar de ser escutado, não pode ser amenizado ou escamoteado. Por sua "falta de regras" e de formalidade, provoca escândalo e perseguição para que se cale. Mas termina sempre atingindo a consciência.

Uma característica importante do clamor é a sua estrutura interpessoal: numa dialética de opressão, em que há uma causa ou, melhor, um "causador" de sofrimentos, o oprimido clama transcendendo a dialética e a luta já insustentável,

Transcrito de Boletim ANUNCIAR, CRB Regional Porto Alegre, n.º 62, setembro-dezembro 1989, p. 6-17.

em busca de socorro de um terceiro: *O clamor porta em si a urgência e a seriedade do diálogo, da oração e do profetismo.*

Há hoje um clamor que rompe nossas portas e ouvidos, interrompe nossos diálogos formais e nossos pensamentos organizados e até nossa oração regular, e clama por ser diálogo urgente, pensamento vigilante, oração incessante: O clamor dos pobres nas periferias latino-americanas, no periférico terceiro mundo. O terceiro mundo nos incumbe. Como?

1. O novo “sujeito histórico”: o pobre organiza(n)do.

Não há história sem sujeito realizador da história. Em última análise, nossa fé reconhece que Deus é o sujeito principal da história. Mas Deus é Trindade, e na realização da história como sujeito comunitário, dá espaço e convida a sermos também corresponsáveis pela história. O “sujeito” da história são os homens de armas e conquististas? Ou são os mansos que possuirão a terra? Condutores da história são as lideranças e elites? Ou a multidão de bocas e olhos e braços que vão apertando o cerco? E na Igreja, o sujeito da história da Igreja são os papas ou são os santos? Quem é hoje o sujeito da história e da Igreja?

1.1. Os pobres “aparecem”.

Não faz parte da condição do pobre o seu “aparecer”. A sua pobreza o empurra para o fundo da realidade, despojado de ter, de po-

der, de saber, e, afinal, de ser, e logo também de aparecer. Diminuído, envergonhado, impotente, ignorante, inclina-se para o não-ser, para a morte antes do tempo. E no entanto, nessa época da história, o pobre, surpreendentemente, aparece.

a) Os “Olhos dos pobres”

Um exemplo desse aparecimento já nos vem descrito no poema de Baudelaire, “Os olhos dos pobres”, uma página escrita na Paris modernizada por Napoleão III, na metade do século passado. Fazia parte da modernização da metrópole a derrubada de alguns bairros pobres para alargar as ruas em bulevares com seus cafés e passeios decorados de cornijas, de ninfas e deusas, espelhos e pajens. Era “toda a história e toda a mitologia postas a serviço da gula”. Por ali sentaram-se o poeta e a namorada para terminarem esplendidamente um dia de amores que seria inesquecível. E, de repente, ali na calçada, diante do par amoroso, surge uma “família de olhos”, um pai grisalho e roto, um menino puxado pela mão e uma criancinha de colo, que já não tinham seu canto pobre, destruído pela modernização, e que agora, na avenida que substituíra seu lugar, perambulavam “para respirar o ar da noite”, plantando-se ali de face. Estão olhando, pelos grandes vidros e entradas, a casa, as luzes, o café. “Eles são olhos, olhos, olhos!” E cada par de olhos diz coisas diferentes: “Deslumbrante”, falam os olhos do adulto. Mas os grandes olhos do filho na mão: “Que bom aquele café”, enquanto os olhos da criança de colo expres-

sa seu incômodo por tanta luz. O poeta sente-se "ferido" por essa família de olhos, "envergonhado de nossos copos e nossas garrafas, maiores que a nossa sede". Busca nos olhos da amada os mesmos sentimentos, mas ouve dela: "Que gente insuportável, com esses olhos escancarados como portões abertos. Você não poderia pedir ao dono do café que os afaste daqui?" O poeta então "odiou a impermeabilidade da mulher: Os olhos dos pobres nos dividiram".

A analogia faz caminho entre nós: Agigantam-se os bulevares e os olhos dos pobres se tornam multidão. Na periferia da modernização, a começar pelo latifúndio e pela agricultura modernizada e de exportação, com o êxodo rural em direção às cidades mas sem entrar nelas como cidadãos, os pobres incham a periferia "entre" o campo e a cidade perambulando sem lugar. Aparecem e olham. De olhos como "portões escancarados", abertura por onde pode surpreender a aparição de Deus, o chamado à justiça, à responsabilidade ética, à palavra profética, à liturgia que transcende os copos e garrafas. Ou que dividem. Basta lembrar que na primeira onda de renovação pós-conciliar, na "modernização" eclesial, corremos o risco de nos dividirmos por causa de hábitos, de imagens, de pequenas regras. Hoje o risco de nos dividirmos é mais sério: os olhos dos pobres.

b) "Maioria profética"

Os pobres aparecem como "maioria". Sempre foram maioria. Mas agora "aparecem" como maioria e

começam a saber que são maioria. Há maiorias que são conformismo, espírito de formigueiro, ditadura, mesmo sob a aparência de democracia: maioria não é necessariamente a justiça. Mas as maiorias pobres não são a mesma coisa. Neste caso "maioria" é uma categoria profética, é clamor e exigência de justiça sem possibilidade de qualquer desculpa, sem necessidade de explicações.

c) O aparecimento de Deus no aparecimento dos pobres.

Deus é Amor, é Compaixão, é Devoção. Só assim se entende seu poder, sua grandeza e sua justiça. Deus é Altíssimo e Santo, mas habita com o humilhado e o abatido (Is 57,15), e fazer justiça ao clamor já é conhecer a Deus (Jr 22,16). Em primeiro lugar Deus se deixa tocar pelo clamor: da voz do sangue de Abel, que é "precioso" porque é vida (Gn 4,9); da aflição do oprimido, que sobe aos ouvidos de Deus e o põe em movimento de libertação (Ex 3,7); do pranto e lamento pela morte dos inocentes (Jr 31,15); pelo clamor da oração que suplica socorro, nos inúmeros salmos que recobrem um terço do salterio. Em segundo lugar, Deus mesmo se revela como Deus da Aliança da Justiça e do Direito, da vida e da salvação a partir do pobre, do órfão, estrangeiro e viúva. E do oprimido, doente marginalizado, pecador, "ovelha perdida" (Lc 15). O evangelho é anunciado aos pobres: como a mãe, Deus tem amor preferencial por quem necessita mais. Na salvação dos pobres se reconhece a atuação de Deus.

1.2. *Consciência de em-pobre-cido.*

a) *A "outra face" da modernidade.*

A América Latina, desde 500 anos, foi integrada no projeto colonial e mercantilista que originou o capitalismo moderno. O bem-estar e a opulência do primeiro mundo se estruturou sobre a extração de riqueza, sobre o "roçado" e sobre as filiais de indústrias multinacionais que fazem de nosso continente, durante estes 500 anos, um continente de opressão e escravidão, o quintal de mão-de-obra gratuita ou barata, às custas da fome dos trabalhadores e da miséria de suas famílias. A América Latina é, estruturalmente, a *outra face* da modernidade. A ingenuidade da crença de que os países ricos produzem sua própria riqueza com meios inteiramente autônomos ou ao menos com relações internacionais justas, está desmascarada. A "mais valia" transferida de trabalhadores, classes e países pobres, incrementa os centros, hoje bem simbolizados na iníqua administração da dívida dos países pobres.

b) *Os pobres sabem.*

A própria exacerbação do sistema, seu próprio crescimento e suas contradições internas, "dão nos olhos dos pobres". Não é por ação de algum intelectualóide de óculos da esquerda no meio dos pobres, mas é o barraco ao lado do hotel de cinco estrelas e a faxineira das mansões das senhoras de sociedade que abrem os olhos dos pobres. Há evidências de sobra para que as contradições e crises do sistema te-

nam, para os pobres, os nomes de injustiça e fome. Não há necessidade de outros mestres para saber isso. A fome derrubou as muralhas da Bastilha, na Revolução Francesa, enquanto a rainha não sabia que o povo estava passando fome.

1.3. *Pobres em vias de organização: o povo.*

A "organização" dos pobres, como o seu aparecimento, também é surpreendente e contra a lógica. Toda organização corresponde a um poder, a um saber. A organização é certa complexidade, uma instituição é uma permanência. Não é propriamente na condição de pobre, mas na condição de "povo" que o pobre tem poder de se organizar. Num país em que a maioria é pobre, praticamente "pobre" e "povo" coincidem. E nisso está sua potencialidade, seu poder. A maioria, de per si, é uma força. Mas "força" não é tudo. É necessário que ela se estruture, ganhe forma e articulação.

a) *Primeiros sinais*

De modo geral a América Latina só conheceu alguma forma de organização popular em nosso século, sob o signo do populismo, em diversos países. Mas o populismo atrelou as aspirações populares aos interesses de demagogos e seus partidos, amortecendo as lutas sindicais e os movimentos trabalhistas. As ditaduras fizeram retroceder para o "peleguismo" com dirigentes que marginalizaram e desmobilizaram a participação popular.

Vivemos um momento histórico de luta por organização popular e por autenticidade nessas organizações: sindicatos autênticos e independentes, partidos que dão forma política às aspirações populares. Trata-se de uma luta com sinais muito incipientes, mas trata-se de uma real novidade histórica: a organização dos movimentos e das forças populares, ou seja, a organização dos pobres.

b) *Sujeito da história: Como?*

O pobre não tem chance de participar da história na condição de pobre: a história persiste em ser dos que impõem suas vontades ao curso dos acontecimentos, dos que têm poder, ter, saber, ser. Esta é a história dos vencedores, dos que, às expensas dos construtores da ponte, colocam seu nome na placa de inauguração. Mas o pobre, quando é maioria e povo, quando se organiza e tem chance de dar forma às suas aspirações, tem poder de reverter o curso da história para que se torne uma história de fome saciada, de escolas e medicina popular, de casa com flores na janela: uma sociedade mais igualitária e fraterna. Por estar presentemente oprimido e até certo ponto fora da decisão sobre o curso da história, o pobre é o único que tem poder de alternativa histórica. Porém, só a organização popular pode dar forma e tornar eficazes as aspirações dos pobres. Então, como povo articulado, o pobre se torna sujeito da história. E a história de Israel, entre outros sinais, mostra que este poder é real. Nisso se joga o grande destino e o grande desafio histórico.

1.4. *Potencial evangelizador dos pobres.*

A modernidade, caracterizada pela autonomia e pela auto-fundação sem ouvidos para o outro, inclui em seus postulados um ateísmo radical, teórico e prático. É o pós-cristianismo do Ocidente. Acaba-se pagando caro por este narcisismo: o subjetivismo é um abismo que jamais devolve os cadáveres que engole. A tragédia é recoberta de formas sutis. E embora haja profetas da pós-modernidade, críticos e trágicos, a "saída" só pode vir "de fora", de uma "boa violência" às paredes do sistema. Essa "boa notícia" que rompa o círculo da asfixia, está potencialmente no não-moderno, que carrega às costas a iniquidade clamando por Deus:

a) *Fé em Deus.*

O pobre, que vive sob a opressão de outro e a sente cotidianamente, não pode sequer ter a tentação de se fechar sobre a auto-suficiência do sujeito burguês, porque a opressão mesma não permite esquecer que "há outro", que o oprime. Paradoxalmente, a sensibilidade para a alteridade, vulnerada e vigilante, permite-lhe perceber melhor que há também "outro" além do outro opressor. E o clamor da opressão se torna ex-clamação, re-clamação, con-clamação e até rogação de prece (como os salmos imprecatórios). Mas de qualquer forma que seja, o clamor torna-se oração: vive seu drama diante de "outro", de Deus, cujo nome aflora como ruptura dentro da opressão. O pobre é um potencial de fé.

b) *Religiosidade "resistente"*

Quando os melhores frutos da modernidade, a cidade grande, os meios de comunicação de massa, a informática, etc. pareceriam ser o rolo compressor de todo resto religioso, a outra forma de ver o mundo e de viver nele, a forma religiosa, piedosa e crente, revela uma resistência surpreendente, que em vão as ciências sociais e a antropologia tentam explicar. Na verdade, a explicação é muito simples, está nos lábios do povo. É que nessa resistência está a sobrevivência mesma dos pobres. É uma resistência que vai se tornando profética, que vai se desinibindo para se tornar um convite à humanização.

c) *Testemunho de valores evangélicos.*

O pobre sabe por experiência que precisa de outro, de que sem partilha e socorro não é possível continuar vivendo. Por isso, antes mesmo da idéia ou da opção, vive estruturas comunitárias de partilha e solidariedade desde necessidades básicas, socorros para a comida, a saúde, elementos vitais que são base segura de comunidade e de fraternidade. A hospitalidade, a sensibilidade para acreditar no outro, a capacidade de proteção da vida, etc. florescem no meio da pobreza como flores sem defesas.

d) *Esperança e alegria nas pequenas libertações.*

Na insistência do "Se Deus quiser", na certeza do "Vai com Deus!", no bom humor da amizade vivida no meio da provação, os pobres dão o testemunho de saborear com gosto a surpresa de pequenas

libertações que mantêm a chama da esperança acesa, como óleo na lâmpada que resiste. Pelas frestas da opressão, a festa, a música e a dança revelam a humanidade e a dignidade resistindo e se lançando além sobre o abismo. Os pobres não vivem só de tristeza e clamor, embora esta seja uma de suas condições. Há um potencial de esperança que não se encontra nos belos bairros residenciais onde a esperança é dispensada. Na vila de periferia, com o presente amarrotado, a esperança é fundamental. E é vivida no humor sobre a própria pobreza e se antecipa na alegria sincera de quem se surpreende com pequenos dons.

e) *Busca da Palavra.*

Um dos acontecimentos mais notáveis nas periferias latino-americanas é a sede da Palavra, a busca da Palavra de "outro" que, ao contrário da palavra na modernidade, não coincide com a auto-expressão e o mero desvelar-se afinal solitário. A busca da Palavra, entre os pobres, é busca da alteridade que o socorre: Palavra de Deus nas Escrituras, Palavra buscada comunitariamente. É nessa relação com Deus que acontece também a auto-expressão — tomada da Palavra — na forma de diálogo real com a alteridade, o que é impossível à subjetividade burguesa. Os pobres, mesmo sem seitas e nos diversos movimentos religiosos, estão lendo e escutando a Palavra de Deus, e diante dela estão ensaiando comunitariamente a tomada da Palavra, inclusive para falar à sociedade. Os "círculos bíblicos", o entendimento da atuação de Deus em suas vidas e na história, é o mais notável aprofundamen-

to religioso, para o qual há grande sensibilidade entre os pobres.

1.5. *Os pobres e o Reino de Deus.*

Ao se afirmar que as classes populares, proletárias e trabalhadoras, são um potencial revolucionário e sujeito histórico capaz de fazer um novo passo na história, estamos dividindo nossa convicção com analistas sociais, com políticos e militantes que procuram dar formas à transformação da sociedade. E a transformação da sociedade em direção à uma convivência mais justa e igualitária, mais democrática e com condições materiais mais dignas para todos, isso é precioso aos olhos de um cristão, pois coincide em muito com o "Reino de Deus". E o Reino de Deus, cujo destinatário preferencial é o pobre que presentemente vive a sociedade como opressão e injustiça, clama pela participação do pobre também como "sujeito" com Deus no seu Reino. As potencialidades revolucionárias das classes proletárias e trabalhadoras, sujeito histórico de uma nova sociedade, tornam-no sujeito histórico do Reino de Deus.

Mas: a sensibilidade mesma do pobre para com os mais pobres — os doentes e os excepcionais que são inúmeros entre os pobres, os tão pobres que estão sem trabalho, vivendo em favelas sem nada a perder e a defender — contradiz a afirmação de que há situações tão pobres que ficam excluídas do potencial revolucionário. Em relação ao Reino de Deus, os pobres como destinatários e sujeito incluem mas são mais do que classe proletária e

trabalhadora, classe revolucionária. Aos olhos de Deus, como aos olhos dos pobres, "ninguém" absolutamente é jogado fora, e também o doente terminal, o excepcional, a criancinha idiota, ou o menor fio de vida, até dos animais e das plantas, tudo é "precioso". Portanto, o cristão é mais otimista e mais revolucionário do que o analista social, ao apostar loucamente em pobres que as ciências sociais desclassificam como força de transformação: "O que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é" (I Cor 1,28).

2. **O novo sujeito e o "novo" na experiência religiosa.**

O "novo" constitui o futuro: Novo é o "venturoso", aquele que vem, que traz futuro ao presente. Pode ser bem-vindo ou temido. Sobre tudo se é "novo sujeito", uma alteridade ainda desconhecida que se tornará eixo de novo caminho histórico. É importante "preparar-se" para o novo com as lâmpadas acesas.

2.1. *O "novo" na experiência antropológica.*

A novidade radical deborda as expectativas, é inesperada, surpreendente como um ladrão que bate onde e quando menos se espera. Seu surgimento e sua surpresa provocam por um lado, o fascínio e a atração, pois é promessa de "saída", possibilidade de transcendência e de expansão. Mas, por outro lado, por seu caráter de desconhecido, provoca ansiedade, temor

diante do possível perigo. "Tremendum et fascinatum", provocador de ruptura e possibilidade de revolução, o "novo", como alteridade e sujeito de futuro, faz surgir reações ambivalentes de abertura e de recuo, de hospitalidade e de auto-proteção e domesticação.

2.2. O "Novo" na experiência bíblica.

Os momentos decisivos da história da salvação são constituídos pelo "novo", pela in-esperada e surpreendente alteridade de Deus que se revela de modo novo, nunca antes visto nem pensado, inaugurando nova história, nova época, de modo irrevogável e irresistível. Então, a vigilância e a esperança aprendem a abertura radical ao novo ainda sem conteúdos, pura abertura e disponibilidade. Pois se esperasse algo já experimentado e conhecido, não seria um esperar radical e nem abertura ao novo real.

a) Quando não há mais motivos para crer na Promessa e na Aliança, diante do fracasso de Israel, o profeta pede abertura a uma *nova* Aliança (Jr 31,31). E Paulo, diante do escândalo do crucificado, chama a atenção para a ação de Deus na ressurreição do crucificado como realização de *nova* Aliança e *nova* Criação (1 Cor 11,25; Lc 22,20).

b) A decadência e o exílio são dores que o profeta convida a esquecer, pois Deus fará coisas *novas* (Is 43,18). Para o Novo Testamento, o começo desta novidade se centraliza na ressurreição de Jesus, mas ainda está a caminho: Deus ainda fará *novas* todas as coisas

(Ap 21,5), uma nova criação (2 Cor 5,17), novos céus e nova terra (Ap 21,1; 2Pd 3,13), uma nova Jerusalém (Ap 3,12;21,2), onde cada um será chamado por um nome novo (Ap 2,17;3,12) e cantará um cântico novo (Ap 5,9; 14,3).

c) O "novo" acontecerá sobretudo no homem, que será configurado a Cristo, ao Filho, como "homem novo" (Ef 2,15; Cl 3,9). Isso não se faz sem participação do homem. O dom é também "mandamento novo" (Jo 13,34), exigindo atitude penitencial, sacrifício e conversão, meta-nóia numa prática nova. Ao vinho novo é necessário vaso novo (Mc 14,25).

d) Mas a prática correspondente ao novo é impossível se da alteridade mesma do novo não socorre uma força nova. É o Espírito Santo quem co-opera, como sujeito comunitário principal, na nova criação, na transformação do homem velho em novo, como garantia e antecipação da promessa (Ef 4,23; 2Cor 1,22).

Finalmente, é importante sublinhar que *novidade não é restauração*. A restauração do paraíso perdido e do homem extraviado, a condução do peregrino terreno à eternidade que sempre foi e sempre será, leva à idealização do antigo, do perene, do tradicional, e chega sempre "post-festum" ao novo dos acontecimentos. Instala-se não só a nostalgia e o conservadorismo, mas o descompasso e o atraso em relação à realidade, que é vista como inimiga. Ora, o novo é o "nunca antes" acontecido, de tal forma que o novo céu e a nova terra são mais

do que a restauração e a volta a um paraíso perdido, como também o novo homem será mais do que o primeiro homem. Não se é administrador daquilo que é dado desde sempre, mas se é chamado a ser con-criador do novo que até agora não existiu. Aqui se decide o "conservador" e o "criador".

2.3. O "novo" e a "volta às fontes".

Há um círculo hermenêutico entre o encontro com o novo e a releitura das fontes, donde jorram águas novas, inexploradas. Há um salto de qualidade na relação à fonte: Não se bebe simplesmente do rio da tradição, mas do "próprio poço". Com a alteridade do novo se faz a experiência da alteridade da fonte, onde se bebe a água que dela jorra e não o que se quer ou o que já se saboreou como codificado na tradição. Enfim, a fonte, o que está na origem também do que é velho (como no mandamento do amor) aparece aliada à alteridade do "novo". É como se houvesse uma redescoberta e uma novidade naquilo que era o mais antigo do que a tradição, e as fontes jorram "de novo".

2.4. O "novo" na história da Vida Religiosa.

Dever-se-ia falar do "novo" em cada época da vida da Igreja. De sua contribuição para a renovação de uma Igreja "sempre reformanda." Mas também de sua luta e de sua condenação, às vezes, por parte da própria Igreja. Atemo-nos à V.R. em dois itens:

a) A V.R. está "fundada sobre o novo": É uma forma de vida que ganha razão de existir em função da novidade não abarcável por outras formas já existentes. *Gerada* pelo "novo", a forma de vida entendida passa a ser *geradora* do "novo" em todo o corpo eclesial, pois nenhuma forma de V.R. é instituída para si mesma, mas para o bem da Igreja e da sociedade. Torna-se sal novo e luz nova, fermento de vida nova, filha e mãe do "novo". Toda Ordem, Congregação, etc. podem ser vistas em sua relação filial e materna com o "novo" que a gerou e que ela porta à Igreja.

b) A V.R., por seu nexos com a vida e a santidade da Igreja (LG 44), e, em razão da epocalidade histórica da vida e da santidade da Igreja, tem a estrutura de "sujeito profético", devendo exercer o profetismo eclesial e histórico em vista do dom do "novo". Por isso a V.R. é "vanguarda" na Igreja, com os riscos e perseguições que isso implica.

A V.R. não pode ser a coruja de Minerva que contempla, no descer das sombras sobre o dia, aquilo que aconteceu "post-festum", mas deve ser o canto da madrugada que antecipa — "ante-festum" e faz acontecer — "prae-festum" — o novo dia.

3. O "novo": clamor e diálogo de gerações na Vida Religiosa.

A própria V.R., como a Igreja, sendo de estrutura profética, pode necessitar internamente do profetismo para ser fecundada, re-nova-

da, re-fontalizada. Isso acontece, como em todo corpo histórico vivo, na “nova geração”. Somente um diálogo de gerações pode acolher o “novo” sem tragédias — afastando a esterilidade e a violência.

3.1. O “novo se anuncia à Vida Religiosa: “Eis que conceberás... como se dará isso?” (Lc 1,31;34).

a) O novo sujeito histórico, o povo dos pobres, já não bate de mansinho pelas portas do fundo pedindo uma ajuda — uma esmola, um lugar na creche ou na enfermaria dos indigentes. Aparece como povo, como maioria com aspiração à organização, e seu aparecimento invade porta a dentro, na esperança de alianças com os religiosos. E, no dizer do poeta, seus olhos, como “portões escancarados”, olham, olham, olham! Como decifrar estes olhos? Convite? Exigência? Acusação? Oferta? Transcendência... portões como “saída” do círculo tentador do narcisismo em direção ao novo da história.

b) A nova geração: Para a V.R. é tão vital a sucessão de gerações como para a Igreja é a sucessão apostólica e para Israel a sucessão genealógica. Toda geração, chegada à sua maturidade, é geração materna. Ora, gerar é uma ação originariamente trinitária e um milagre do amor, porque se trata de gerar “o outro”. Se fosse apenas gerar o “igual”, então não seria gerar humano, seria apenas reproduzir, e a sucessão seria sem história, o tempo sem alteridade, o presente continua-

do mas sem real futuro porque sem “novo”, cada geração seria solitária no eterno “mesmo”, cultivando a própria identidade mas não a diferença. Há “outra geração” quando há “geração do outro”: Geração do diferente, do novo, da alteridade em relação a si mesmo. É comparável à relação entre o Pai e o Filho na Trindade.

A outra geração só é autêntica — ela mesma — quando é realmente “outra”, assumindo sua alteridade e sua diferença, e tornando-se cada vez mais sujeito de sua geração. A novidade do novo sujeito histórico lhe diz respeito como algo “próprio” da sua própria geração. Ou seja: O povo empobrecido e com aspirações à organização, é acolhido em seu clamor pelos religiosos jovens, como algo que decide seu próprio ser ou não ser religioso. Para a geração mais adulta ou anciã, ao invés, o mesmo clamor é acolhido como algo que decide sua fecundidade materna ou sua esterilidade, seu ser ou não-ser *materno*. Há uma relação de alteridade entre as gerações, que consiste concretamente no fato de que a geração nova se apresenta desde o lado do novo sujeito histórico. Os religiosos jovens são, para os religiosos adultos e anciãos, a *mediação interna* à V.R. onde se apresenta o povo empobrecido e o seu clamor que possibilita o novo e o profetismo eclesial da V.R. Na prática, aceitar o novo e o diferente, a alteridade dos jovens, é ao mesmo tempo aceitar o novo e o diferente do povo empobrecido que aparece, e aceitar a própria maternidade, fecunda de relações novas.

Em todo caso é errado e desastroso tratar a V.R. de modo indiferenciado, sem perceber a alteridade das gerações. Isso porta à violência de uma geração no confronto com a outra, um nivelamento injusto para com o arco da vida humana. O uso do "poder", ao favorecer normalmente a geração adulta em confronto com os jovens, precipita-a na esterilidade.

c) O "novo" clama não só desde o sujeito histórico que aparece, mas desde a geração que se identifica com este sujeito, os religiosos da nova geração: clama, reclama, rompe, desiste, insiste, insurge, ressurgem... são dores de parto, dores que partem do próprio jovem que deve sofrer e conduzir um *auto-parto* no espaço e no tempo histórico para o qual é chamado a nascer e contribuir. O clamor mais ou menos tumultuado do seu aparecimento dentro da V.R. também pode ser vivido pela geração mais adulta e anciã com a expectativa do "novo": ansiedade e fascínio, ameaça e desejo. Pode parecer um "dilúvio" ou uma alteridade inadmissível. Pode ser uma experiência de "gerar no deserto" onde se vai morrer, e só uma geração seguinte vai entrar na terra prometida. Para a tarefa materna, sobretudo, pode parecer algo impossível: "Como se dará isso?"

3.2. *Maternidade dialogal: "O Espírito Santo descerá sobre ti (...) por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus" (Lc 1,35)*

a) É fundamental, para os religiosos adultos e anciãos, a cons-

ciência de sua condição materna na V.R. Tudo o que diz respeito à maternidade também lhes diz respeito: o tempo, a consciência, os sentimentos, as ações, as preocupações. Já não é tempo de viver "seu próprio" tempo, mas viver para o "tempo do outro". A contemporaneidade de gerações só acontece de modo feliz nessa relação de tempo da maternidade, "tempo para o outro", e de tempo da juventude, "tempo próprio", ou seja, entrada é tomada nas próprias mãos do tempo histórico. Na condição materna da geração adulta e anciã, sua consciência é de cuidado e vigilância maternas, seus sentimentos são de devotamento, suas ações são de portar, suportar, alimentar, ensaiar, enfim criar o outro, possibilitar ao outro uma infância e uma juventude na Vida Religiosa (é o que significa o verbo francês "enfanter").

Gerar "outro", porém, é também renunciar a torná-lo à própria imagem e semelhança, é dar-lhe espaço e tempo para ser diferente e assumir sua alteridade. A contemporaneidade da geração materna é sua entrada no tempo do outro, não para invadir e impor-se, mas para estimular e alimentar sua alteridade, alimentando-a também com a própria herança, tradições, etc. como "subsídio para ajudar a ser".

b) É fundamental, para os religiosos tanto adultos como jovens, a consciência das relações de *maternidade* e *filiação* (ou "afiliação"). Um filho não é produto e nem cópia. É antes de tudo, como diz a etimologia, "amigo", alguém, portanto, amado, querido e distinguido: alguém a quem confidenciamos o me-

lhor e o pior de nós mesmos, a quem confiamos nosso ser, nossos tesouros e heranças, a quem subsidiamos sem imposição mas em plena liberdade. É alguém com quem “perdemos tempo” como algo de melhor que fazemos com o tempo, a parte mais “preciosa” do tempo. A filiação não é um processo natural, um automatismo de natureza, mas é um processo de amor. A condição de filiação (de alguém “se a-filiar”) depende muito da condição materna, como o discipulado em relação ao mestre: os verdadeiros discípulos são amigos e “filhos” do mestre (Cf 1Pd 5,13): Acolhem com liberdade e vontade seus tesouros e sua experiência, sem perder a própria alteridade.

c) Pode-se ver no crescimento das CEBs uma analogia: Nelas há agentes que são seus próprios membros assumindo serviços e gerando comunidade, e há “agentes externos”, freqüentemente religiosos, agentes de pastoral, que reconhecem e guardam sua condição “externa” de maternidade em relação às CEBs. Talvez o mesmo se possa dizer do “novo modo” da Vida Religiosa. A geração adulta cabe esta necessária condição de “agentes externos” do novo modo de ser religioso, numa diferenciação de identidade fecunda e realista. Não se pode pedir que o religioso mais velho seja igual ao mais novo, por viverem um arco de momentos históricos diferenciados, mas também não se pode pedir — como tradicionalmente pareceria mais correto — que os jovens se conformem aos mais velhos. Pelo contrário. É ne-

cessário que a geração que chega hoje à vida, “tome nas mãos seu lugar vital”, enquanto os que já estavam aí, “ajudem” a nova geração a ser ela mesma, futuro e não cópia.

d) Que o clamor se torne diálogo: aquilo que é puro fenômeno desarticulado, puro aparecimento em excesso, se articule, mesmo por exercícios dolorosos e balbuciantes, até se tornar palavra e diálogo de gerações. Aqui também cabe uma iniciativa importante das gerações adultas sem constranger a nova geração: Como a águia esvoaça diante do ninho excitando os filhotes ao vô, nos diz o Salmo (Dt 32,11). No diálogo é fundamental o uso de pergunta sincera e desarmada, de face, como forma de discernimento antes de qualquer juízo. Além disso, o diálogo é uma porta aberta que jamais pode se fechar. Pelo contrário, o diálogo é sempre inacabado, insuficiente, ainda por acontecer. *O diálogo é o futuro do clamor*, lugar de sua fecundidade e maturação. Se não se articular em diálogo, o clamor decai para a violência.

4. Nova Evangelização “da” Vida Religiosa: Conteúdo do clamor e do diálogo

A V.R. realizará uma nova evangelização e o seu profetismo no âmbito da Igreja e da sociedade na medida em que ela mesma for evangelizada de forma “nova”, como “testemunha” do que profetiza, como antecipação e “estado de vida”.

4.1. Novo ardor: Nova espiritualidade.

A espiritualidade é a energia para a obra (érgon). É força, vigor, entusiasmo, vitalidade, ou seja, o Espírito tomando conta. Segundo o que viemos dizendo, o Espírito chega do mesmo lado do "novo" e faz beber das águas "novas" da antiga fonte. Por isso, a espiritualidade pode ser comparada ao trem impulsionado por duas locomotivas, uma em cada ponta, ou seja: a experiência da realidade que empurra, e a busca da transcendência que puxa (Taborda):

a) Locomotiva da *experiência da realidade*: Não se trata de "qualquer" experiência num "vale tudo" e num permissivismo, mas da experiência do contato com os pobres e da sua pobreza, experiência das contradições do tempo presente e da sociedade presente, contato com o clamor, com as dores e alegrias dos pobres. E exercício de contemplação dos pobres, de suas vidas, de suas atitudes, relações e sentimentos, esperanças e lutas, ao mesmo tempo em que se desenvolve uma contemplação da realidade presente e da sociedade, desde os pobres, desde sua ótica.

b) Locomotiva da *transcendência*: Não se trata de uma "fuga" da realidade, de um alívio ou de um intimismo, mas de uma "orientação" desde a realidade para o futuro além dela, para uma alteridade em direção da qual se quer caminhar, na qual se quer apoiar, a qual se quer esperar: O Reino de Deus, a "pátria" do Pai com seus filhos, para onde o Espírito impulsiona e

para onde Jesus é o Caminho. A fé e a esperança não se deixam sufocar pela dureza da realidade porque são alimentadas pela Palavra de Deus que é mais forte do que a realidade presente. Junto à contemplação da realidade, sobretudo dos pobres, é necessária esta contemplação da Palavra. Assim "Palavra e Vida" tornam-se celebração, como momentos fortes no meio do caminho, celebrando o que está aí na realidade e o que virá para a realidade.

4.2. Novo método: método integral.

De modo geral, nos últimos séculos, a V. R. se entendeu como "formação de elites cristãs e socorro do povo pobre". Atualmente este binômio está sendo invertido: "Assessoria na formação do povo pobre e diálogo com as elites a partir dos pobres". Esta inversão que não se entende mais "de cima para baixo" mas "de baixo para cima", exige mudanças radicais, ou seja, *inversão* de métodos, levando em conta:

a) Processo histórico integral: a Evangelização precisa integrar o que é importante e decisivo na vida do povo para que seja "boa notícia", sobretudo aspectos que foram esquecidos por uma V.R. vivida à margem da vida do povo. Ou seja: a economia (necessidades básicas), a política, as culturas populares etc. precisam ser levadas em conta com a ótica dos pobres.

b) "Lugar social" de igualdade com o povo e diálogo cultural: Isso exige inserção nos meios populares, não só geográfico (morar como o povo mora), mas também social (ga-

nhar a vida como o povo a ganha). O diálogo cultural é antes de tudo valorização da cultura ou dos fragmentos de culturas que estão na memória popular. Estes assuntos estão aprofundados em outro lugar, por isso aqui apenas os mencionamos.

c) **Pedagogia libertadora:** não mais hierarquizante, mas participativa, comunitária, ativa e crítica, administradora da conflitividade inerente aos processos de libertação dentro das contradições da realidade.

d) **Anúncio positivo e explícito do Evangelho e sua celebração.** É necessário nunca perder de vista o que é mais específico e explícito na evangelização, sem desvalorizar o resto. O evangelizador acrescenta sempre algo que lhe é "próprio", mesmo trabalhando e ajudando ao lado de outros humanistas: o anúncio da Palavra e da História de Deus com os homens de Jesus Cristo e do Espírito que cria comunidade. Esta é a "mais-valia" que o evangelizador "injeta" na realidade, é "nova criação", "novo" que deve se tornar explícito também por palavras e por celebração. Este é o lugar da "visibilidade" e da identidade específica, não contra mas em relação com outros aspectos da vida humana em comum com o povo.

e) **"Dar a Vida":** Os antigos métodos de ascese e de martírio são substituídos por métodos mais sadios e exigentes de ascese e martírios próprios da missão e do seguimento de Cristo, conseqüências e exigências do engajamento, das habilidades, da paciência, dos conflitos que aí surgem. Nisso está a doação da própria vida, o envelhecimento an-

tes do tempo, os riscos de toda sorte, a entrega nas mãos de Deus.

4.3. *Nova expressão: nova "forma de vida"*

A história comprova a necessidade de dar uma certa estabilidade ao "novo" que surge numa época propícia, para que não se perca. É a perigosa mas necessária "institucionalização da intuição". Estamos ainda longe de nos preocuparmos com a estabilização da "nova forma de vida religiosa" exigida para a originalidade da América Latina. Mas a experiência já vai nos mostrando por onde ela vai ganhando "forma", ou seja, "estado de vida", embora devamos entender hoje esta expressão de forma muito dinâmica:

a) **Comunidades inseridas,** vivendo nas condições materiais do povo, tendo os relacionamentos populares como relações preferenciais, e abrindo-se para o diálogo cultural e para a inculturação do evangelho nas diversas expressões de "mais-vida" que se encontra nos meios populares. E finalmente, com isso, a inculturação da própria comunidade na medida em que gente do povo, jovens do meio do povo, sem deixarem de ser "povo" vão integrando a comunidade inserida.

b) **Trabalho e auto-sustento** igual ao do povo de trabalhadores, como dimensão necessária do "lugar social" e não apenas geográfico. É a participação nas "classes" populares e no mundo da opressão e da luta do trabalho. Sem dúvida, nos próximos anos, o trabalho operário será o desafio maior para comuni-

dades que queiram ser inteiramente inseridas:

c) “Enxugar as lágrimas na grande tribulação” (Ap 7,14-17): A situação do povo não tem perspectiva de melhora substancial a curto prazo; pelo contrário, infelizmente. Por isso há muitos que se perdem no caminho, há muita miséria e muito socorro a prestar. Daqui decorre o “socorro do amor organizado”, através de pastorais específicas, de movimentos, de organizações e instituições. Mesmo os recursos e as instituições já existentes, prédios, bens, etc. podem ganhar uma nova destinação. É necessário muita criatividade e liberdade para integrar o que já está aí nesse serviço do amor.

Conclusão: Do riso de Sara ao “sim” de Maria.

O “novo” está, por sua natureza, além do possível. A reação de

Sara, como de Abraão, foi o riso diante da promessa de fecundidade, riso que traía sua surpresa diante de tal novidade. E Sara concebeu em sua esterilidade e em sua velhice. E chamou o filho de Isaac, ou seja, “filho do riso”: “Deus me deu motivo de riso, todos os que souberem rirão comigo” (Gn 21,6). O riso é uma resposta ainda desarticulada diante do novo. Em Maria, a impossível fecundidade é acolhida na Palavra, já num diálogo articulado, no consentimento ao possível de Deus no impossível humano: “Disse, então, Maria: Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra (...) Para Deus, de fato, nada é impossível” (Lc 1,37-38). A maternidade do “novo” tem este momento desarticulado do riso mas convida a terminar em palavra, em diálogo para que venha o “novo” na liberdade e no amor sponsal entre Deus e quem se dá a ele para com ele gerar o “novo”: SIM! □

Crer é um encontro de amor

Bíblia — “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem...? E vós, quem dizeis que eu sou?”, Mt 16 13.15.

Leitor — A pergunta permanece. Sem respondê-la não há fé. Não há cristão. Não há Igreja. JESUS é o Messias, o Salvador. É Deus. É a nossa vida (Fl 1, 21). Nele somos criaturas novas (2 Cor 5, 17). No plano do Pai está o projeto de reunir nele todas as coisas, as do céu e as da terra (Ef 1, 10). Quem o reconhecer assim, na teoria e nas expressões concretas do cotidiano, este será feliz e bem-aventurado. Crer e viver sabendo que a fé é mais do que um olhar de admiração e de simpatia. É, sobretudo, um encontro de amor entre duas pessoas. Só quem ama crê. Só crê quem se sente amado (Pe. Marcos de Lima, SDB).

VIVER NA FÉ EM UM MUNDO CULTURALMENTE PLURALISTA

O religioso é chamado a ser profeta da unidade e do pluralismo. Mais da unidade, onde reina o pluralismo individualista. Mais do pluralismo onde o prurido uniformizador impera.

Pe. J. B. Libânio, SJ

O religioso vive em miniatura a tensão fundamental da Igreja: ser universal e particular, ser una e católica, ser sinal de comunhão e missão. A Igreja é uma "comunidade para a dispersão". O religioso de vida ativa, a quem se dirige, em primeira linha, tal reflexão, é também chamado a viver a "comunidade na dispersão".

Esta vocação radical do religioso, em termos abstratos, não traz nenhuma dificuldade, mas no concreto do dia a dia vê-se cercada de percalços. Recordar alguns critérios para viver tal tensão pode ajudar a superar ou, ao menos, a buscar equilíbrio entre os pólos.

Com efeito, ao viver na fé em mundo cada vez mais pluralista, a unidade interior do religioso e do projeto de sua congregação sofre forte questionamento. Pertence ao

espírito de nosso tempo o desejo da vivência da novidade, do diferente, da surpresa. No final do ano, uma empresa de turismo oferecia um programa de "reveillon" em que a pessoa era convidada a entrar num iate sem saber para onde ele iria. Só sabia o tempo do passeio e o preço. O resto era a "pura novidade". Compra-se a surpresa. Virou mercadoria de venda.

O pluralismo fala da novidade. Prefere-se viver o contínuo sobressalto do novo. Mas, em dado momento, produz-se reação de cansaço e insegurança, e o pêndulo desloca-se para o lado do conhecido, da rotina, do costumeiro, da unidade. A unidade traduz o já conhecido.

O pluralismo está mais do lado da liberdade, da criatividade. A unidade situa-se antes do lado da autoridade, da lei, da ordem. Enfim pô-

los presentes a cada momento nos movimentos da sociedade, da Igreja e da vida religiosa. Parar para pensá-los, sob o prisma, da práxis religiosa e pastoral, pode ajudar o religioso a viver esse momento de perplexidade, de inversão de pólos.

1. Novidade do problema

Certa vez, o famoso pregador de quaresma de Notre Dame (Paris), o P. Riquet, intitulou uma palestra de "Mermoz a Popovich". Sob título sofisticado e naquele momento extremamente atual, queria dizer que os problemas parecem, modernos mas na realidade traduzem questões eternas. Assim Popovich, o russo que tinha dado volta à terra em astronave, é o mesmo ser humano que Mermoz, o aviador francês (1901-1936) que atravessou pela primeira vez o Atlântico Sul (1933). As façanhas parecem tão diferentes, mas no fundo é o mesmo homem que deseja atravessar os espaços, ora com os recursos incipientes da aeronáutica, ora já contando com os sofisticados instrumentos da era espacial.

Esta visão, porém, traduz uma compreensão da história por demais extrínsecista. Ainda que presente em muitas pessoas mais antigas, não responde de fato as profundas transformações por que passa a sociedade e a cultura atual. Há uma radical novidade na questão do pluralismo.

É verdade que sempre houve posições diferentes. Os latinos conheciam bem tal realidade quando a traduziam na sentença: "Tot capita

tot sententiae" — tantas cabeças, quantas opiniões. No campo religioso, dentro do qual se faz esta reflexão, o pluralismo na Antiguidade e na Idade Média se fazia dentro de um mesmo horizonte fundamental comum de pensamento, de sentimento, de fé. Era um mesmo denominador comum, ao qual se podiam reduzir as frações diferentes. Havia o pressuposto implícito de que as posições se confrontavam dentro de uma inteligibilidade comum, de modo que cada parte julgava estar entendendo corretamente a outra. Elas se opunham segundo a clássica lógica de Abelardo: "Sic et non", assim e de outro modo. Alternativas excludentes com lógica rigorosa. De modo que a não aceitação da posição ortodoxa implicava necessariamente cair na heresia, no cisma, na ruptura.

As diversas escolas aceitáveis não chegavam a constituir verdadeiro pluralismo. Parafraseando o irônico comentário de político brasileiro sobre a divergência entre os dois partidos principais dos Estados Unidos, pode-se dizer que as diferenças são como as entre Pepsi-Cola e Coca-Cola.

Hoje o pluralismo é de outra natureza. São posições de tal modo diferentes, que se encontram com dificuldade os pontos de convergência. Parecem antes paralelas, díspares. Duvida-se, às vezes, que uma consiga entender a outra. Buscam-se com enorme esforço denominadores comuns para dialogar. Frequentemente os parceiros do diálogo sentem-se impotentes frente à diversidade dos pressupostos básicos.

No pluralismo pré-moderno as diferenças não eram objeto direto de reflexão. Hoje constituem tema central das discussões. Há pluralismo de métodos, de filosofias, de sentimentos básicos, de ideologias, de posturas fundamentais frente à existência, de objetivos, de pontos de partida, de encaminhamento do pensamento que seja aceito pelas partes em litígio cultural (1).

Com os estudos sobretudo da antropologia, fica cada vez mais clara para nós no Brasil a originalidade e particularidade cultural dos negros, dos índios. Culturas que não podem ser reduzidas sem mais à cultura gestada na bacia mediterrânea. Até então não se colocava a questão do pluralismo cultural entre nós em relação a estas porções humanas de nosso país. Em relação às minorias indígenas, já tinha começado há mais tempo essa preocupação pela diferença cultural. Em relação à maioria negra, cresce, quer entre os próprios negros, quer entre os outros, a percepção de traços originais de sua cultura frente à fé, à religião.

2. Problema insuperável

Já é patente para a consciência moderna que existe uma ruptura da homogeneidade da cultura européia ocidental, quer dentro de si, quer em relação a outras culturas. A cultura européia já não pode ser levada a todas as partes, como um todo homogêneo. Dentro de si, já não é mais este todo. Fora as culturas tomam maior consciência de sua autonomia e resistem ao colonialismo cultural religioso da Europa.

Em termos de fé, significa o surgimento de novas teologias no 3.º Mundo, que marcam sua distância cultural, maior ou menor, em relação à Europa (2).

A descoberta de que o problema do pluralismo é insuperável no sentido de conseguir uma solução "semel pro semper" — uma vez para sempre — é fruto de nova percepção da história e do ser humano dentro dessa história. A consciência histórica moderna rompe o quadro hermenêutico tradicional que possibilitava uma homogeneidade cultural e fazia compreender o pluralismo dentro de limites muito restritos — a ponto de não merecer o nome de pluralismo — e a divergência verdadeira como ruptura, heresia, cisma.

Num quadro hermenêutico em que a realidade era vista como retratada com maior ou menor exatidão no conhecimento, a modo de imagem refletida num espelho, as divergências eram, sem mais, atribuídas a deformações do espelho. Havia o pressuposto da possibilidade de existir um espelho plano, perfeito, que reproduzisse a realidade de maneira verdadeira (3).

No quadro hermenêutico moderno, em que o sentido, a verdade é um produto síntese dum sujeito, carregado de pré-compreensões, em confronto com a realidade, o pluralismo cresce na medida em que se diversificam as pré-compreensões. Podem ser de religião, de raça, de ideologias, de sentimentos, de sexo, de situações geográficas, culturais, históricas, etc. É dentro desse horizonte que se vive hoje.

3: Raiz teológica da unidade

Por mais pluralista que seja um contexto, a fé tem dentro de si uma dinâmica e exigência de unidade. O religioso situando-se no horizonte da vivência de fé é chamado a viver e proclamar tal unidade. Cabe perguntar-se pela raiz mais profunda dessa unidade.

Raiz teologal

Paulo, preocupado com a edificação do corpo do Cristo na unidade, coloca com toda a clareza o critério da mesma. Somos chamados “a uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que reina sobre todos, age por meio de todos e permanece em todos” (Ef 4,4-5). A unidade vem da Trindade: o mesmo Espírito, o mesmo Senhor e o mesmo Deus (1 Cor 12,4-6). Atribuída sobretudo ao Espírito Santo. “Há um só Corpo e um só Espírito” (Ef 4,4). A unidade encontra no Espírito a sua última raiz. Ou se quisermos, o início e fim de toda unidade é “um Deus, o Pai, de quem tudo vem, e para o qual nós vamos” (1 Cor 8,6). Esta unidade operada pela Trindade se exprime visivelmente na única profissão de fé, na recepção do único batismo.

A participação eucarística também ocupa lugar importante na criação da unidade. Os cristãos que participam do corpo eucarístico de Cristo formam um só corpo místico de Cristo. “Visto que há um só pão, todos nós somos um só corpo; porque todos participamos desse pão único” (1 Cor 10, 17).

A teologia joanina não diverge. Na oração sacerdotal, Jesus pede ao Pai que os discípulos (Jo 17, 11) e os que vierem depois (17,20s) permaneçam na unidade. A morte de Jesus é vista com a finalidade de “reunir na unidade os filhos de Deus, que estão dispersos” (Jo 11, 52). O Espírito Santo é-nos dado para conduzir-nos a verdade inteira, fonte de unidade (Jo 16, 13).

Sobre tal dado teológico há fácil consenso. Nesse nível de formalização não surgem dificuldades. Recitar o mesmo credo, receber o mesmo batismo, participar da mesma eucaristia não costumam causar problemas de unidade entre os religiosos. Muito menos reconhecer a Trindade como o início e o fim de tudo.

Raiz pastoral

Esta unidade interna parece não ser suficiente para garantir a unidade do corpo eclesial. Ela se encontra no nível da experiência pessoal. A experiência unificadora da Trindade, mesmo que se visibilize na profissão de fé e nos sacramentos, permite enorme possibilidade de formas. O princípio interno da unidade é tão profundo e pessoal que facilmente se espalha em infinitas manifestações.

A história assistiu então ao fenómeno da passagem da experiência original religiosa para a instituição eclesial. E nesse momento, a autoridade interfere para normar a experiência. Ela se torna a garantia externa da unidade. E quanto mais um corpo social se institucionaliza, mais ele se esquece da raiz interna da unidade e se firma e se fixa sobre a raiz externa da autoridade. A

institucionalização desemboca na criação de tradições, de ritos e símbolos codificados, de leis, que transferem para uma linguagem objetiva o dado experiencial (4).

A recitação da fé encontra não só uma fórmula, como uma catequese oficial. O batismo e a eucaristia se realizam num quadro ritual definido. Cria-se enfim um espaço eclesial, dentro do qual as experiências religiosas se situam e se deixam reger. Garante-se assim a unidade.

4. Raiz teológica do pluralismo

Por mais unitária e uniforme tenha sido a vivência eclesial, sempre houve diversidades. No mundo antigo, dentro de um horizonte comum e de diferenças não explicitadas diretamente. No mundo moderno, o pluralismo tende a crescer e provocar sérios problemas. A dupla problemática principal e nova no Sínodo da Evangelização (1974) foi precisamente no horizonte do pluralismo, suscitada pelo 3.º mundo. De um lado, os africanos e asiáticos levantaram a aguda questão da inculturação, como nova forma pluralista no nível da formulação da fé. Doutro, os bispos latino-americanos, dentro do mundo ocidental, provocaram a questão da libertação, como uma nova forma pluralista no nível da práxis.

Raiz teologal

Por mais paradoxal que pareça, a causa interna, última do pluralismo eclesial é a mesma Trindade. Se ela está na origem da unidade, também está na fonte da diversidade. É

uma mesma natureza tão rica, tão explosivamente abundante, que subsiste em três pessoas. Essa explosão de vida trinitária, ao ser comunicada aos homens, termina por prolongar a mesma explosão em forma de carismas, dons, novidade, criatividade, liberdade.

De novo, o mesmo Paulo que teimava em defender a unidade do Corpo de Cristo, não foge à tentação de lançar a teologia da pluralidade carismática. Há diversidade de dons. "Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito em vista do bem de todos". O Espírito dá uma diversidade de dons: sabedoria, ciência, fé, cura, poder de fazer milagres, profecia, discernimento dos espíritos, falar línguas, interpretá-las (1 Cor 12, 4-10). É o mesmo Espírito que está na origem dessa pluralidade manifestação de dons. E onde está o Espírito do Senhor, está a liberdade (2 Cor 3,17).

João coloca a presença do Espírito como aquele que ensina tudo (Jo 14,26). No início da Igreja, a diversidade das línguas é atribuída ao dom do Espírito (At 2,4). A leitura dos Atos causa uma sensação de uma Igreja que se expande, se multiplica (At 9,31), cria novos ministérios (At 6,3), vai avançando com coragem (At 6,10). E a cada passo se faz a referência explícita ao Espírito como o causador dessa pluralidade vital; entusiasmo, coragem, vigor.

Há um pluralismo na Igreja que remonta, em última análise, à liberdade absoluta de Deus de escolher quem ele quiser para a missão que quiser e dar a graça a quem quiser,

sem estar atado a nenhuma continência e estrutura humana. Frequentemente se esquece dessa iniciativa livre de Deus nas suas escolhas.

Outra raiz profunda, interna do pluralismo na Igreja é seu destino universal, por vontade expressa de Jesus, formulado pela comunidade no final dos evangelhos de Marcos e Mateus. "E lhes disse: 'Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a todas as criaturas'" (Mc 16, 15). Missão que é garantida pela própria presença de Jesus (Mt 28,19s).

Raiz pastoral

Vimos que a unidade da Igreja se manifesta no credo, no batismo, na eucaristia. E, por sua vez, essas realidades mantêm-na. São princípios de unidade.

Mas no momento em que o credo é explicitado, do batismo se tiram conclusões práticas, à eucaristia se ligam práticas concretas, aparece o problema do pluralismo, da divergência até a ruptura. Não se trata aqui de divergências que terminem por negar a fé ou o batismo ou a eucaristia. Nesse caso não ocorre pluralismo, mas heresia e cisma.

O problema do pluralismo hoje se coloca entre nós nesses três níveis — credo, batismo e eucaristia — quando se vinculam a eles determinadas práticas concretas, exigências, condições prévias.

A mensagem cristã, ao fazer-se na história e ao dirigir-se a todos os homens de todas as latitudes e de todos os tempos, necessariamente re-

quererá diferentes mediações, encarnações. O pluralismo é uma exigência intrínseca do fato de ser uma revelação histórica.

A mensagem de Jesus é dirigida à liberdade das pessoas. Necessita ser entendida para tornar-se apelo à conversão. O chamado de Jesus é pessoal. Mas as pessoas só são atingidas se a mensagem se lhes torna inteligível. Supõe então passar por um processo de interpretação que responda ao momento, à cultura, à situação existencial-histórica em que vivem as pessoas. Quanto maior for o pluralismo em tais fatores, tanto maior será também a necessidade de um pluralismo da mensagem evangélica.

Esta raiz pastoral é intrínseca e interna à natureza histórica e concreta do homem. Ele é um ser-no-mundo e um ser-no-mundo-com-os-outros (5). A condição de ser-no-mundo fá-lo um ator transformador da realidade, humanizando para si o mundo. Diferentemente do animal, que já nasce com os instintos bem desenvolvidos e suficientemente adaptados para sua sobrevivência, o homem necessita trabalhar o mundo para poder viver. Neste sentido, transforma a natureza em cultura, no sentido primevo do termo.

Por sua vez, este mundo trabalhado, transformado volta-se sobre o homem e o trabalha, transforma. Esta condição de ser criador de cultura produz necessário pluralismo de situações culturais. E se a fé se dirige a todas elas, deve responder às suas exigências. O homem só consegue viver e sobreviver nessa

luta transformadora do mundo. Realiza-se a si mesmo neste e através desse mundo, humanizando-o. A história humana é maravilhosa nesse sentido.

A sedentarização do homem desenvolvendo a agricultura é um exemplo ilustrativo dessa condição humana. A vida nômade de caçadores e coletores exigia enorme extensão de terra para a sobrevivência dos homens. Pois iam de lugar em lugar buscando o alimento que lá já existia. Com o crescimento da humanidade viria logo um estrangulamento neste processo por falta de alimento. A cultura da agricultura permitiu que o homem tirasse do mesmo lugar alimento para mais gente e mais tempo de tal modo que hoje com uma população superior a 4 bilhões de habitantes, a terra é capaz de produzir alimento de sobra para todos eles.

Nesse jogo de transformador e transformado, o homem foi satisfazendo suas necessidades e criando outras num movimento ininterrupto. Nisso revela sua natureza de "espírito no mundo" (6). Como espírito, nunca se cansa de atuar, de sonhar, de desejar, de criar novas necessidades e aspirações. Como ser-no-mundo, fá-lo transformando o mundo, criando cultura.

É também um ser-no-mundo-com-os-outros. Em toda essa tarefa de transformar o mundo, cria novas relações sociais. Sobretudo cria linguagem, símbolos, valores, maneiras de comunicar-se com os outros. Suas necessidades não se restringem unicamente ao nível daquelas que a transformação da natureza

responde. É um ser carente de poesia, de arte, de beleza, de amor. E tais necessidades só se satisfazem criando outro nível de cultura. Entre as necessidades fundamentais que o atormentam desde sempre está a religiosa. Necessita só e em comunidade relacionar-se com o Transcendente. E cria então ritos, símbolos, linguagem religiosa.

A revelação cristã não só vem satisfazer tais necessidades, como dar o sentido a toda essa situação global do homem. Como ele vive em tempos e espaços diferentes, a maneira como ele traduz tais necessidades simbólicas diferencia-se. E a mensagem cristã precisa entrar nesse universo, em processo de verdadeira inculturação (7).

5. Patologia da unidade

As patologias consistem, em geral, na fixação de um valor, de um lado da realidade, com a rejeição doentia do valor complementar, do outro pólo. Nesse mecanismo, o sujeito vai hipertrofiando a segurança-valor que detém na mão, expulsando, como demônios, os diferentes que se lhe apresentam.

A unidade para a Igreja, não só é um valor, como uma necessidade intrínseca da sua natureza. Querida por Jesus. Pela qual rezou ardentemente na última noite de sua vida humana.

Transforma-se em patologia no momento em que o pluralismo, o diferente, a novidade se tornam insuportáveis a ponto de desencadear todo um processo de rejeição. Como toda patologia, há uma dimen-

são de origem inconsciente e de outras práticas que aos poucos vão sendo assumidas no nível da decisão. Medir qual dos braços da balança é mais pesado é tarefa assaz difícil e, freqüentemente, impossível.

Nessa reflexão apontar-se-ão três origens principais dessa patologia, que em muitos casos funcionam simultaneamente. Mas nem sempre. Têm certa autonomia.

Em sua obra magistral, Erich Fromm analisa os mecanismos de fuga do comportamento individual (8). Na estrutura dessa análise, está o pressuposto de que os mecanismos de fuga decorrem da insegurança do indivíduo e do medo de assumir a liberdade. De fato, o indivíduo, uma vez rompidos os vínculos primários que lhe davam segurança e uma vez tendo de enfrentar o mundo exterior como uma entidade completamente independente, dois caminhos, explicita E. Fromm, se lhe apresentam para superar o estado insuportável de impotência e solidão: a liberdade positiva ou desistir dela. Para fugir dela, cria mecanismos que, no fundo, anulam o ter que enfrentar-se em liberdade e em decisão, o diferente, a novidade, a alteridade, o outro na sua liberdade.

Ao não suportar o diferente, a pessoa ou se anula a si mesma numa atitude de incondicional submissão, reduzindo a nada a diversidade, o pluralismo, numa unidade total com essa realidade, ou, pelo contrário, num movimento de autoritarismo reduz o diferente a si mesmo, também numa unidade to-

tal. Vê-se que o autoritarismo e a submissão são duas faces de um mesmo processo de incapacidade de suportar e enfrentar o diferente, em liberdade e decisão. Reduz a si este diferente — autoritarismo — ou reduz-se a este diferente — submissão.

Com efeito, na experiência humana percebe-se que as pessoas autoritárias em relação aos diferentes súditos são, ao mesmo tempo, submissas ao diferente superior. Em ambos casos, foge-se da liberdade, do diálogo, do enfrentamento com o diferente, com o pluralismo.

Tais pessoas têm incapacidade de viver numa situação de pluralismo. Sentem-se altamente ameaçadas pela diversidade de opiniões e posições, e acionam seus mecanismos redutores, quer pela via autoritária, se são superiores, quer pela via da submissão, se são súditos.

A patologia da unidade proíbe a felicidade da liberdade. Cria a felicidade da inconsciência, da irresponsabilidade, do infantilismo, da criança protegida, do "menino tambor", que não quer crescer.

Olhando-se a face sadia, pode-se dizer que na raiz dessa patologia há um desejo de segurança, anteriormente dada pelos vínculos primários — sobretudo maternos. Jogado no mundo já existente, onde se deve criar vínculos secundários, reproduzem-se, doentamente, as relações primárias de submissão e anulamento, em vez de buscar a segurança na própria responsabilidade, liberdade, capacidade de decisão.

A patologia da unidade cura-se unicamente partindo para a vivência livre e responsável dentro de uma sociedade pluralista, "sem medo de ser feliz". O ponto ótimo de crescimento e de felicidade está ligado ao mundo da liberdade. Há uma felicidade da irresponsabilidade, da não-decisão, que se aproxima mais da tranqüilidade animal, que da verdadeira felicidade humana, fruto da liberdade em existência com outras liberdades.

Além dessa raiz de natureza psicológica, há outra que remonta à formação intelectual. Se somadas, a patologia da unidade se vê altamente reforçada.

É muito comum uma formação intelectual baseada no binômio verdade/erro. Os limites entre os dois são traçados, em geral, com clareza de modo que se alguém se situa do lado da verdade pode contemplar aqueles todos que estão na margem do erro: Entre elas, só existe a ponte do reconhecimento do próprio erro e a decisão de mudar de margem. Enquanto estas duas atitudes não ocorrerem, a situação de distância e separação prosseguirá.

A unidade consiste fundamentalmente, neste caso, em convidar, insistir ou mesmo compelir a que se atravesse a ponte para o nosso lado da verdade. No fundo, não há pluralismo, não há verdadeiro diálogo. O rio da distinção clara separa nitidamente os espaços geográficos da verdade e do erro. Dois campos de batalha. Nós e os outros. Evidentemente nesse espaço epistemológico

co não há lugar para nenhum pluralismo de verdades, de ensinamentos.

Soma-se a esses dois focos infectantes um terceiro de natureza teológica. Se se reflete sobre a maneira como os diferentes, os divergentes, as novidades aparecem na Escritura, percebe-se que são interpretados de maneiras extremas, opostas. Ora são interpretados como Deus, ora como satanás.

Abraão reconheceu Javé naquele que lhe exigia tão radical e estranha mudança de vida: "Parte para longe de tua pátria, de teus parentes e da casa de teu pai, e dirige-te ao país que eu te indicar" (Gên 12,1).

Moisés encontra-se diante de situação também estranha e inopinada de uma sarça que ardia sem consumir-se e dentro da qual soa uma voz. Reconhece nela a Javé (Ex 3, 1-6). O mesmo se pode dizer dos profetas.

O Novo Testamento é ainda mais explícito na tensão interpretativa. Diante de um mesmo fato inesperado, extraordinário, de Jesus expulsar o demônio dum possesso cego e mudo, o povo espantado reage exclamando: "Não é este o Filho de Davi (Mt 12,23)?" e os fariseus afirmam: "Este só expulsa os demônios por Beelzebul, o chefe dos demônios" (Mt 12,24).

Aliás a totalidade da pessoa, das atitudes, da pregação do Reino, das práticas de Jesus constitui-se um grande diferente, uma gigantesca ruptura com as expectativas presentes, com parte da teologia vigen-

te e dominante. Este novo de Jesus provocou precisamente a dupla interpretação radical a respeito dele. Os discípulos, os que creram, viram nele a realização do Reino, o Messias, o Filho de Deus. Os fariseus, as autoridades religiosas e tantas outras pessoas consideraram-no um blasfemador, um subversivo, um demônio.

De maneira simples, mas cortante, Jesus coloca tal experiência sob a forma de parábola (Lc 10, 30-37). Um homem descia de Jerusalém a Jericó. Era o normal, comum, cotidiano. De repente, ele se torna "vítima" de bandidos, despojado, espancado, abandonado, quase morto, na estrada. Agora já é o diferente, a ruptura com o cotidiano, a novidade que irrompe na vida das pessoas. Jesus faz passar diante dele três classes de pessoas: o sacerdote, o levita e o samaritano. O sacerdote, homem do culto, que devia conservar a pureza ritual não tocando em nenhuma vítima ou cadáver, defronta-se com este diferente. É a tentação. É o demônio, é o que o afasta do culto, de seu ofício sagrado. Passa então à margem. O levita é o homem da leitura da Escritura. Teólogo e intérprete da Palavra de Deus. Ocupado com as coisas divinas. A vítima é também o diferente, a ruptura com seu trabalho. É a tentação. É o demônio. Passa também à margem. Por fim, vem o samaritano. O homem do cotidiano. Encontra a vítima. Também ela diferente de seu dia a dia. Estorva-lhe a viagem. Vê, porém, nesse diferente o dever, a presença de Javé. Acode-a.

Todos sabemos a interpretação de Jesus. "Vai e tu também faz o mesmo" (Lc 10,37). O diferente é Deus presente. Passar à sua margem, querer reduzi-lo à nossa própria identidade é desconhecer a Deus, passar à margem dele.

Em outro momento, porém, Jesus defronta-se com um diferente e o chama de satanás. Jesus aproxima-se de seu fim. Descobre no dia a dia que a morte violenta lhe parece inevitável. Por ela passa a vontade do Pai. Confidencia aos seus discípulos tal percepção. Pedro adianta-se a demovê-lo de tal caminho. É o outro. É o diferente que se lhe apresenta. "Deus te livre disso, Senhor! Não, isto não te sucederá" (Mt 16,22). Frente a este diferente, Jesus interpreta-o de maneira oposta. Não verá no dito de Pedro nenhum toque do dedo de Deus nem sinal do Reino de Deus (Lc 11,20). Antes volta-se a Pedro e o censura fortemente: "Arredate de mim, Satanás! Tu és para mim uma ocasião de queda, pois teus intentos não são os de Deus, mas os dos homens" (Mt 16,23).

A única atitude teológica possível diante do diferente não pode ser nem uma aceitação irrestrita nem uma rejeição total. Cabe discernir. Deus ou satanás se fazem presentes no diferente. A atitude de pura rejeição, em nome de uma unidade anterior ao discernimento, é teologicamente falsa; é satânica, na linguagem de Jesus.

Por conseguinte, as três fontes da patologia da unidade — psicológica, epistemológica e teológica — mostram como o pluralismo é uma

exigência de sanidade psíquica, de atitude correta de conhecimento e de abertura teológica.

6. Patologia do pluralismo

A patologia do pluralismo remonta a outras fontes. Significa uma doentia rejeição da unidade, da autoridade, dos ritos e leis, de todo elemento que tenta limitar o ilimitado desejo dos homens. O desejo, este mal infinito (Hegel).

De novo, pode-se encontrar três fontes dessa patologia. A fonte psicológica reflete um narcisismo insuperado. O desejo pluralista pode originar de um ego que não aceita nenhum limite externo a ele. Quer exprimir quanto possível o que lhe interessa. Assim cada um cria seu mundo, sua interpretação, seu gosto. Atitude adolescente que não amadureceu e que não aceita o princípio da realidade. Fixou-se no princípio de satisfação. A libido se arvora em último critério de verdade, de bem, de moralidade, de socialidade.

A socialidade humana exige limites. A convivência humana obriga a que se aceitem normas, regras, leis, estruturas que unificam os comportamentos, gerenciam as expectativas, a fim de poder-se existir em paz e harmonia. "C'est défendu défendre" — é proibido proibir — de Maio de 1968 mostrou-se impotente para gerar e gerir uma convivência humana. Acabou produzindo barricadas, lutas, conflitos.

A atitude epistemológica correspondente é o relativismo. Também ela falsa. A verdade, os valores fi-

cam entregues ao espontaneísmo, ao aleatório, ao puramente circunstancial, ao momentâneo, negando ao ser humano qualquer segurança, regra pela qual possa pautar seu existir. Está na origem de situações sociais anárquicas. Se a patologia da unidade impede o diálogo, porque rejeita o diferente, esta também o nega pelo lado oposto. Cada um entra com a sua posição e sai com a mesma. Tudo é verdade. Nada é verdade. Se não há parâmetros para a verdade e para o bem, terminam as buscas, os diálogos, os confrontos. Se o homem só buscar na simples praticidade e funcionalidade o bem, a verdade, o valor, ele, ser carente de significação e sentido, sofrerá o vazio da existência.

Na perspectiva ético-teológica, esta patologia traduz-se em inveterado egoísmo, individualismo. É paradoxal. Ao ser tão pluralista, termina altamente egoísta. Porque o pluralismo nada é mais que a defesa da sua posição sem nenhum limite. Que outros o façam a respeito da sua. A própria posição se torna um absoluto que não pode ser questionado por um diferente dela. Agora, não pelo desejo de reduzir tudo a uma única unidade, mas para que haja tantas posições, quantos sujeitos capazes de a fazerem valer.

A consequência social de tal atitude ética é a criação de uma sociedade de extrema opressão. Pois os sujeitos que reivindicam esse pluralismo não se encontram em igual situação de poder. Assim os poderosos — as classes dominantes — acabarão impondo, em nome do pluralismo, sua posição. As idéias

dominantes são as idéias das classes dominantes (K. Marx).

7. O religioso nesse contexto

A conclusão dessa reflexão é perguntar-se pela vocação do religioso nesse contexto pluralista, mas necessitante de unidade. Ameaçado por sua vez pela dupla patologia da unidade e do pluralismo.

O religioso deve ser profeta da unidade frente à patologia do pluralismo, e do pluralismo frente à patologia da unidade.

Profeta da unidade

A fonte inspiradora da VR, quer em nível individual, quer congregacional, é a experiência de Deus. Cada religioso arrisca-se a assumir a VR por causa de profunda experiência de Deus, que lhe faz perceber o Absoluto do amor de Deus e o anima a entregar-lhe a totalidade do ser. Uma congregação surge da experiência de Deus de seu fundador, que capta a infinitude do ser divino dentro de determinado marco cultural.

A experiência de Deus é a fonte de toda unidade. O religioso frente à pluralidade das realidades percebe que todas elas assumem um caráter relativo diante da radicalidade de Deus.

Em contraposição ao pluralismo, esta experiência de Deus valoriza esta unicidade absoluta de Deus, sua gratuidade irreduzível, sua radicalidade em relação a qualquer outra funcionalidade, por mais sagrada que seja. No interior da Igreja,

esta experiência revela este "primum" de Deus, este papel insubstituível de Cristo, a natureza da Igreja como corpo real de Cristo em unidade com ele, anterior, autônoma e superior a todo desdobramento ulterior. A Igreja não possui nenhuma autonomia diante desse Absoluto. A ele se refere. Ela faz um apelo imediato ao Senhor. Essa unidade primigênia é testemunhada sobretudo pela VR, é uma experiência de pôr-se à disponibilidade total e ilimitada, em última análise, diante de Deus, de seu chamado é de sua palavra. Experiência anterior à contemplação e à ação, à "fuga mundi" e à missão-para-o-mundo. Mesmo que deva encontrar encarnação na história (pluralismo), nunca se identifica, nem se esgota em nenhuma forma, sendo-lhe sempre anterior e maior. Nesse sentido, testemunha essa radical unidade, de que o religioso deve ser profeta. Cada atualização não pode afastar-se de tal atitude fundamental, unitária (9).

Em termos concretos, ser profeta dessa unidade é adquirir um senso de relatividade diante de todas as coisas exceto frente a Deus (10). Significa enorme liberdade que permite tomar distância crítica de formas pluralistas que traem a intuição e experiência fundante de Deus. É a partir dessa unidade radical da experiência de Deus que se pode enfrentar o pluralismo, sem perder-se num relativismo demagógico. Nessa tarefa pode sofrer incompreensões por parte daqueles que só se percebem encontrando a Deus em determinadas formas, sem questionar-se por uma presença

maior de Deus. Este "Deus semper maior" se dilui na vida de muitos por causa duma fixação de sua presença em algumas expressões. O religioso é profeta da unidade que as antecede, lhes dá sentido.

Quanto mais longa é a história de uma congregação, mais o religioso consegue perceber, entender e viver uma unidade radical carismática que atravessa os séculos. O carisma do fundador — de fundar uma congregação — e de transmitir uma determinada experiência de Deus mantém a unidade da congregação ao longo dos séculos, mesmo que formas de sua espiritualidade e missão se modifiquem. Esta unidade que liga e religa os religiosos a seu fundador lhes faz experimentar uma unidade profunda do carisma, da graça e do Espírito.

De novo, o testemunho concreto de unidade é dado pelo vigor como cada congregação vive seu carisma. Certos movimentos que afetaram a VR até antes do Concílio Vaticano II, produziram um efeito paradoxal. Se de um lado uniformizaram as congregações, doutro enfraqueceram-lhe a verdadeira experiência de de unidade. Por isso, Paulo VI no *Motu Proprio Ecclesiae Sanctae* conclama as congregações que voltem às suas fontes, a seu carisma original. No fundo, convoca-as a fazer verdadeira experiência da unidade radical da congregação em oposição a uma uniformização descaracterizadora.

Ser profeta da unidade não significa caminhar na linha da uniformização. Antes, pelo contrário, é protestar contra ela, em nome de

uma unidade mais profunda. Nesse sentido, a experiência recente de muitas congregações pode ajudar, uma vez que só conseguiram superar essa uniformização que as esvaзиavam, quando fizeram verdadeira experiência da unidade em comunhão com as fontes inspiradoras.

Uma das conseqüências de certo pluralismo desintegrador, doentio, é a exacerbação do individualismo, do subjetivismo, a tal ponto que a vida social se torna uma luta de concorrências e competitividades individuais. O homem se torna para seu semelhante verdadeiro lobo, na expressão do dramaturgo latino (11). O religioso por causa de sua diuturna experiência comunitária é chamado a renunciar a esse pluralismo doentio individualista para poder viver harmonicamente em vida comunitária. À medida que sua vida comunitária se aproximar do modelo idealizado da comunidade primitiva (At 2,42-47; 4,32-35), ele poderá anunciar essa unidade sadia e libertadora do egoísmo, porque vivida em comunidade, na renúncia de interesses individualistas em benefício do bem da comunidade.

Profeta do pluralismo

São as mesmas experiências que o religioso faz de unidade, que lhe permite também ser profeta do pluralismo. De fato, a partir de sua experiência profunda de Deus, percebe que ela permite e até mesmo exige múltiplas formas para ser traduzida. A unidade uniformizadora empobrece-a.

Com efeito, ao longo da história, a experiência fundamental da VR

e de determinada congregação encontrou pluriformes maneiras de exprimir-se, sem trair sua inspiração unitária fundamental. Esta compreensão das possibilidades passadas deixa o religioso aberto para outras novas formas, quer para sua própria vivência, quer de sua congregação, quer de outras formas de VR. O pluralismo religioso continua aberto. Anunciando tal possibilidade, ele se confronta com as uniformizações redutoras e anuncia o pluralismo como obra do Espírito.

Sua função principal não é, diretamente, nem institucional, nem política mas teologal. Anuncia o pluralismo, não como uma necessidade da sobrevivência da instituição, nem como uma crítica ao poder autocrático e autoritário, mas como uma exigência do Espírito Santo, que desperta continuamente na Igreja novas formas carismáticas de VR, renova as antigas, permite experiências pessoais originais, para romper o artificialismo uniformizante, tentação de toda instituição.

O atual fenômeno das pequenas comunidades tem ajudado a esta experiência de pluralismo na vivência da VR. As comunidades configuraram-se diversamente, com maior respeito às necessidades e aspirações das pessoas, superando o anonimato de grandes comunidades, verdadeiras casernas religiosas. A uniformização — que ia desde o horário até a veste — cede lugar à originalidade, criatividade, espontaneidade, liberdade, sem detrimento da unidade primordial religiosa. Essa experiência bem sucedida proclama a riqueza inesgotável de pos-

sibilidades para a VR num mundo pluralista. O clima, a geografia, o momento histórico, a psicologia das pessoas, a cultura dos membros da comunidade encontram mais espaço para criar novas formas, em contraste com uma vida comunitária que nivelava as diferenças.

No momento eclesial de tendência uniformizadora e niveladora, as pequenas comunidades continuam sendo um foco de esperança e de profecia. Sobretudo aquelas que se inserem nos meios populares, aproximando-se ainda mais do povo, aprendendo deles novas formas de amar a Deus e o próximo.

As congregações missionárias têm mais facilidade para entender, vivenciar e anunciar o pluralismo sadio. Fazem-se presentes em regiões, culturas, situações sociais tão diversas, que sem um mínimo de inculturação e capacidade de percepção de pluralismo, terminam fracassando em sua obra. Hoje as diversas culturas se tornam mais conscientes de sua autonomia e arredias a imposições culturais alienígenas.

Cabe à VR, sobretudo em Igrejas locais fechadas ou por demais rígidas em suas normas, ser uma presença profética do diferente, da novidade, da criatividade, descavando do interior de sua experiência internacional, elementos provocadores de pluralismo.

Conclusão

Vivemos num mundo batido fortemente pelas ondas pluralistas. Doutro lado, forças uniformizado-

ras e niveladoras de cultura estão em ação. Tanto a sociedade como a Igreja sofrem esses embates.

O religioso é chamado, a partir dessa dupla experiência profunda de unidade e de pluralidade que a

vida religiosa lhe possibilita, a ser um profeta da unidade e do pluralismo. Mais da unidade, onde reina o pluralismo individualista desagregante. Mais do pluralismo, onde o prurido uniformizador e nivelador impera.

NOTAS

(1) K. Rahner. Le pluralisme en théologie et l'unité du credo, de l'Eglise. In: **Concilium** 46 (1969) 93-112. (2) B. Chenu. Teologías cristianas de los terceros mundos: Teologías latinoamericana, negra norteamericana, negra sudafricana, africana y asiática. Barcelona, Herder, 1989. (3) H. Vaz. O problema atual da hermenêutica. Mimeo. Belo Horizonte, 1973. (4) P. Eicher. A revelação administrada. Sobre a relação entre a Igreja oficial e a experiência. In: **Concilium** n. 133 (1978) 271-286. (5) Ary A. Roest Crolius. Inculturation and the meaning of culture. In: **Gregorianum** 61 (1980) 253-274. (6) K. Rahner. Geist in Welt. München, 1957. (7) Marcelo de C. Azevedo. Comunidades eclesiais de base e

inculturação da fé. A realidade das CEBs e sua tematização teórica, na perspectiva de uma evangelização inculturada. São Paulo, Loyola, 1986. (Coleção Fé e Realidade, 19). (8) E. Fromm. O medo à liberdade. Rio, Zahar, 1960, pp. 117-170. (9) H. Urs von Balthasar. Une vie livrée à Dieu. Sens de la vie selon les conseils aujourd'hui. In: **Vie Consacrée** 43 (1971) 5-23. (10) K. Rahner. Misão e graça. Petrópolis, Vozes, 1965, III, 125ss. (11) Plauto adverte que se deva precaver do homem como se fosse um lobo: "Lupus est homo homini": *Asin* 2-4-88. Frase que se tornou famosa por causa de Hobbes, que a repete no contexto de suas teorias do Estado. □

Aprender e praticar

Bíblia — "Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós contigo", Mt 18, 15.

Leitor — *Corrigir*. A justiça deve ser praticada, sempre, porém, dentro da mais rigorosa caridade. Nada de conivência, nem de exibição, nem de escândalo, nem de revanchismo mesmo quando nosso eu exige satisfações.

Bíblia — "Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão", Mt 18, 15.

Leitor — A correção, em qualquer hipótese e instância, é sempre para ganhar, isto é, para SALVAR. Nunca para humilhar ou se vingar. É dom de uma coragem serena que vem de Deus e a Deus conduz (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

VIDA RELIGIOSA COMO CRISE DO PROCESSO CULTURAL

*Será a Vida Religiosa uma forma de vida
que critica eficazmente os padrões culturais aceitos?*

Pe. Matias Martinho Lenz, SJ
Porto Alegre, RS

Um novo desafio se coloca à Vida Religiosa nesse final de milênio: em meio às profundas mudanças que se processam no mundo da cultura, a Vida Religiosa é chamada a ser fator de crise, uma forma de vida que critica os padrões culturais aceitos e mostra o caminho dos valores evangélicos, encarnados no nosso tempo, como um caminho de autêntica realização da vocação de cada homem e da sociedade.

A percepção do papel da Vida Religiosa nas mudanças culturais do nosso tempo decorre da nossa consciência da dinâmica desse modo de vida nos meios em que ela está presente e atua. Essa dinâmica é dupla: de encarnação e de transcendência (1). A encarnação, que tem sua raiz no mistério fundamental da Encarnação do Verbo de Deus em Jesus Cristo, é o processo de aproximação e inserção das comunidades de vida consagrada no contexto do mundo secular, permitindo o contato e a interação entre as formas e expressões culturais

inspirados pela fé cristã e os padrões de vida da secularidade, que prescindem dessa fé ou se opõe a ela. É o movimento pelo qual as formas concretas de Vida Religiosa se expõem à crítica e à relativização de tudo que não é essencial em seu ser e missão. Como a secularidade compreende valores inerentes a tudo o que é humano, a Vida Religiosa recebe sempre novos elementos e desdobramentos, percebe novas possibilidades de humanização, — e nada do que é humano é alheio ao cristianismo. Abre-se para acolher as sementes do Verbo presentes, ainda que veladamente, em toda manifestação humana e em toda produção cultural (2). A transcendência é o movimento oposto: por ela, a fé cristã inserida no chão das realidades humanas germina em expressões reveladoras da natureza mais profunda e do sentido pleno da existência humana. Por esse movimento, a realidade cultural é provocada a superar a crise, a vencer as ilusões abandonando fal-

soz valores, a superar idolatrias e abrir-se ao dom maior e definitivo da vida em plenitude que vem de Deus.

É importante dar-nos conta que não se trata principalmente nem em primeiro lugar de um novo e necessário esforço de catequese ou anúncio das verdades da nossa fé, expostas e proclamadas por meios modernos e de forma mais compreensível. Antes e fundamentalmente, trata-se dessa fé e dessa verdade vividas e testemunhadas por pessoas e comunidades, cuja existência e expressões culturais manifestem a riqueza e a exuberância dessa fé em todos os campos da vida humana, no sentido da superabundância de vida prometida e trazida por Cristo (Jo 10,10). É essencial que essa fé seja novamente proclamada, de todas as formas e pelos meios mais eficazes. Mas sem uma tradução convincente para dentro da vida moderna, essa proclamação corre o risco de perder-se no meio de tantas mensagens que pretendem ocupar o limitado espaço da mente e do coração humano, sujeito à sedução pelo que agrada aos sentidos.

A Vida Religiosa é hoje chamada, de modo novo, a revelar aos homens do nosso tempo o sonho do amor de Deus a nosso respeito, um sonho que é realidade e que é nossa mais alta vocação e mais plena realização e felicidade. Temos um Deus que nos ama, que nos quer com amor de Pai, e com ternura de mãe. Ele quer nossa felicidade completa, fazendo-nos participar da imensidão das suas rique-

zas da vida intratrinitária, da sua própria felicidade. Os homens são chamados à vida plena, à vida feliz e sem fim em Deus e não o sabem. São chamados a uma vida de amor e de comunhão sempre mais total e não têm consciência disso. Em lugar de se realizarem nessa vocação, perdem-se por caminhos que não levam a nada, perseguem ilusões, ou pior, trilham caminhos que conduzem ao vazio e à frustração, como lamenta o Profeta Jeremias, expressando todo o seu pasmo diante de tanta desventura: "Ó céus, pasmai... meu povo cometeu dupla perversidade: abandonou-me, a mim, fonte de água viva, para cavar cisternas fendidas que não retêm água" (Jer. 2, 12-13). Como o profeta, podemos comparar muitas manifestações da cultura moderna a cisternas fendidas, a tentativas frustradas e frustrantes de encontrar a alegria da vida, de realizar e plenificar o ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus, e que como diz S. Agostinho, só encontra repouso em Deus uno e trino.

Enfocaremos nesse artigo algumas dimensões da nossa vida e cultura, nas quais a Vida Religiosa é chamada a ser crise e iluminação, a partir da fé, duma fé encarnada e transformadora. Analisaremos, brevemente, quatro aspectos do mundo da cultura e dos valores do nosso tempo, enfocando o lugar que a vida consagrada pode ocupar em relação a essas dimensões. Tentaremos depois desdobrar o significado da Vida Religiosa culturalmente inserida em cada uma das idades e meios de vida, da infância à terceira e quarta idades, de forma esque-

mática e indicativa, dada a limitação de espaço em um artigo da nossa revista.

1. Valores da fé cristã e dimensões da nossa cultura

A cultura se faz dos valores e processos vividos nas várias situações e fases da existência de um indivíduo e de um povo, da cultura e das culturas. Ela se expressa e ganha permanência em padrões culturais, que são modos persistentes e consagrados ou legitimados de fazer as coisas, de se relacionar e de se comunicar. Em nível de indivíduo, esses padrões se traduzem em hábitos de vida, que regem a vida cotidiana das pessoas e também inspiram os grandes eventos. A cultura dos nossos tempos se expressa em várias *dinâmicas* que a fé terá que atingir, se queremos uma evangelização realmente inculturada e transformadora:

a) os meios de comunicação em massa, com seus conteúdos, e os próprios meios de transmissão: como são recebidas, selecionadas, interiorizadas e reelaboradas as mensagens;

b) os processos educacionais, que não se realizam apenas na escola mas através dos muitos meios que intervêm na formação das pessoas: a família, o grupo étnico, o grupo de idade, os meios de comunicação;

c) a cultura da vida quotidiana: os valores e hábitos estabelecidos em torno da vida de família, do trabalho, da alimentação, do lazer, da sexualidade, do nascimento e da morte;

d) a indústria cultural moderna, correlata ao fenômeno da cultura de massas, que se estende a todos os setores e alcança os lugares mais remotos e que submete ao interesse do capital aspectos como as tradições (que viram "folclore") e o artesanato, que passa pelo processo de massificação e padronização para servir ao mercado de bens e consumo;

e) os símbolos, modelos e códigos socialmente aceitos e valorizados, e que expressam graus e tipos de coesão social, aparecendo aí valores como a reciprocidade, os ritos, as celebrações, as formas de organização, as crenças e os valores religiosos.

No universo da cultura moderna do Brasil contemporâneo, uma cultura massificada, secularizada, consumista e de cunho materialista, a dimensão da fé sofreu e sofre uma violenta erosão. O tema já foi analisado em diversos textos publicados em **CONVERGÊNCIA**. Trata-se de imaginar agora como a Vida Religiosa pode constituir-se em crise para esses valores, pôr em questão as formas habituais e aceitas de viver, na medida em que conflitam com valores cristãos básicos. Parece uma tarefa quase impossível, que de longe supera a capacidade de influência de instituições de expressão modesta e de pequenas comunidades. No entanto, partimos do princípio básico da nossa visão de fé: somos colaboradores da obra de Deus neste mundo, não os protagonistas. Cabe-nos dar nossa parte de contribuição para a realização dos planos de Deus para a humanidade e confiar na força

misteriosa da palavra e do exemplo de Jesus Cristo, que continua a agir na história dos homens de muitas formas, também através de pessoas e comunidades de Vida Consagrada.

Entendemos que a ação dos Religiosos nesse mundo da sociedade e cultura modernos terá a força que tiverem seus compromissos essenciais. Os Bispos da América Latina, no documento de Puebla, repetindo palavras de Paulo VI na "Evangelii Nuntiandi", pedem uma evangelização não de verniz, mas em profundidade. A evangelização "procura alcançar e transformar... os critérios de julgamento, os valores determinantes, os pontos de interesses, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que estão em contraste com a palavra de Deus e com o projeto de salvação" (3). Essa evangelização vital e em profundidade pede o testemunho do compromisso. Ora, esse compromisso mais pleno com o Evangelho é parte da vida e missão do religioso. No contexto da América Latina, dizem os Bispos, os religiosos frequentemente se encontram na vanguarda da missão (4). Este espírito de vanguarda ou tomada de frente, traduzido na presença de religiosos em postos difíceis e sacrificados, não encontra sua razão de existir apenas no caráter heróico ou na coragem pessoal ou de algumas religiosas, mas tem sua explicação mais profunda na natureza mesma da Vida Religiosa, uma vivência radical do Evangelho no seguimento de Jesus Cristo e uma fidelidade plena ao compromisso batismal na Igreja.

Como se pode traduzir hoje esse seguimento e compromisso ao nível dos valores e hábitos aceitos e vividos em nossa cultura?

a) *Compromisso
com uma vida ética.*

Análises anteriores mostram nossa sociedade em que impera não só a *imoralidade*, alimentada por interesses comerciais e ideológicos, mas uma generalizada *amoralidade*, pela qual as pessoas perdem o próprio senso do bem e do mal, nada mais lhes importando, a não ser o que toca seus próprios interesses. Desnecessário será dizer que essa desmoralização está levando nossa sociedade ao caminho perigoso da guerra de todos contra todos, ao império da lei do mais forte impondo-se aos demais e ao conseqüente crescimento do crime organizado e de toda sorte de violência. A raiz desse amoralismo cremos estar no desvio introduzido pelo racionalismo e pelo individualismo, que pretendem fundar a moral moderna (no caso, a moral burguesa) em princípio de uma razão iluminada e nos direitos do cidadão (para não dizer, do proprietário). Perdida a referência última ao Deus da nossa fé e a ligação obrigatória com o interesse da comunidade, a moral individualista, tornou-se cada vez mais a moral de uma categoria ou de uma classe social dominante que pretende fazer valer os seus interesses e justifica suas vantagens e privilégios, fazendo passar esses interesses particulares por interesses gerais da sociedade ou ignorando a sociedade para fechar-se no estreito mundo dos seus interesses. Contra

essa moral burguesa se opôs o pensamento socialista, colocando o interesse coletivo em primeiro lugar, afirmando como critério básico o entendimento das necessidades fundamentais de todos, exigindo de cada um conforme suas possibilidades, tudo em nome de uma moral revolucionária. Hoje assistimos à crise desse modelo de moral autônoma, dessa bela utopia de frágil sustentação, que se debilitou não por força de ataques externos, mas pela crise interna dos socialismos reais. O que faltou a essas sociedades socialistas do Leste Europeu e da própria União Soviética que hoje se debatem com a crítica aos privilégios das castas dirigentes e com a busca irrefreável dos seus cidadãos por liberdade, incluindo o direito de iniciativa no campo econômico e político? A discussão sobre essas mudanças ainda irá longe, mas do nosso ponto de vista, tudo indica que estamos hoje colhendo os frutos de um erro elementar mas fatal para a humanidade: o erro e a pretensão de querer construir uma civilização sem Deus ou, pior ainda, contra Deus (5). Os frutos estão no materialismo, tanto do sistema capitalista como dos sistemas inspirados no marxismo, que só se sustentaram ou se sustentam à força de muita violência: do Estado Ditatorial, do tipo estalinista, de um lado, ou do poder do Capital e das instituições que o servem, do outro.

Uma nova cultura, que harmoniza os valores da justiça e da liberdade em um amplo processo de construção de uma nova humanidade, só se criará em bases inteira-

mente novas e à força de compromissos de fé absolutamente obrigatórios. Esse compromisso ganha sustentação através de homens e mulheres novos, que reconhecem um valor moral como "exigido pela vontade divina, único e verdadeiro fundamento de uma ética absolutamente vinculante", como diz João Paulo II, em sua Encíclica sobre a Solidiedade Social da Igreja.

O cristianismo não é a única religião a dar sustentação a uma moral de responsabilidade, mas cabe a nós cristãos contribuir para recuperar essa dimensão essencial à nossa fé e vivê-la também em seus efeitos no campo econômico e político.

Os religiosos, chamados a viver plenamente o compromisso batismal, somos também chamados a trabalhar nessa tarefa. Perguntamos: que feições deve tomar a Vida Religiosa para poder responder com eficácia a esse desafio? Somos levados a questionar a coerência entre nossas propostas e nossa prática, entre a intenção de usar nossos bens para o serviço de todos, preferencialmente dos pobres e nossa realidade de posse de muitos bens cuidadosamente guardados e nem sempre bem utilizados; entre a pobreza praticada a nível individual e contratadamente em diversas práticas institucionais, conduzidas segundo as leis do mercado capitalista; entre nossa presença em alguns campos de ação evangelizadora e a ausência em outros, talvez mais urgentes e necessárias, por falta de uma maior mobilidade e disponibilidade para as exigências da missão, fruto de uma falsa concepção de segurança.

Quando nos convenceremos que não é a força de obras materialmente expressivas e economicamente bem fundadas que teremos uma presença evangelicamente significativa no mundo contemporâneo, mas por fazermos as coisas em profunda concordância e coerência com os valores maiores do Reino e de uma ética de justiça e de fraternidade efetivas?

O resgate de uma vida ética, enraizada e animada pela fé, será a volta à totalidade da pessoa, com a superação da fonte maior das divisões que hoje a dilaceram e lhe tiram a identidade. Poderá surgir daí um novo estilo de vida comum, um estilo de vida que integra o respeito à identidade da pessoa e uma profunda e habitual solidariedade, produzindo novas sínteses vitais, na linha do que sugerem os Bispos da América Latina ao pedirem uma nova evangelização da nossa cultura (9).

b) *Compromisso com o comunitário*

Vida cristã é vida de partilha, vida em comunidade. Esse é um dado teológico insuperável. O próprio Deus, uno e trino por natureza, constitui-se em fonte e modelo de comunhão e participação.

O mundo da modernidade e da pós-modernidade herdeiro do liberalismo e da revolução industrial, da cibernética e eletrônica, é um mundo massificado e padronizado. A literatura e algumas artes colocam essa questão de forma dramática. Para dar apenas um exemplo, cito um livro que é um campeão de vendas em 1990 nos EUA: "No País

das Últimas Coisas", de Paul Auster. É um romance de ficção científica que aborda a desintegração do mundo e perda de identidade que sofremos, exposta através de uma história de caos, desespero, fome e morte na grande cidade destruída pelo homem, na qual os sobreviventes se alimentam com o que encontram no lixo industrial (7). Nesse mundo dilacerado, desfizeram-se muitos laços que moldavam a identidade de indivíduos e grupos, surgindo em seu lugar os comandos à distância e os persuasores ocultos que exercem enorme influência sobre os indivíduos, produzindo automatismos que mantêm as pessoas atomizadas para melhor poder controlá-las. Diminuíram os espaços de convívio personalizado e de interrelacionamento permanente e significativo entre pessoas e grupos. Há pouca disposição para compromissos de vida, engajamentos que sacrifiquem algo do espaço individual de liberdade em favor do outro, do grupo ou da comunidade.

Essa falta de solidariedade social põe um desafio para a Vida Religiosa. Uma sadia vida em comunidade, quer no núcleo familiar quer em contextos como a escola, o grupo de trabalho, a associação comunitária, o clube ou o partido político, exige superação de uma perspectiva individualista, que avalia a comunidade ou o grupo em função do próprio interesse, para determinar as vantagens que a participação naquele grupo lhe pode oferecer. Requer a superação da chamada "lei de Gerson" de tirar vantagem em tudo e não ceder em nada, lei perversa, expressão prática de um individualismo e de um hedonismo sem limites.

De novo, a força para enfrentar esses padrões culturais profundamente arraigados e constantemente inculcados em nosso povo pelos meios massivos de comunicação (sobretudo pela televisão comercial), nos vem de um aprofundamento da nossa fé e de nosso compromisso comunitário. Também na visão cristã, a comunidade é fonte de felicidade, mas de uma felicidade diversa da que busca a filosofia individualista. Na comunidade, o cristão realiza sua vocação mais profunda, contribuindo com a realização do outro, que o ajuda também. O outro ocupa o lugar de sujeito, de parceiro e colaborador, que o torna necessário e faz reclamar a permanência dos laços comunitários.

A Vida Religiosa tem uma longa tradição de vida comunitária. Com o Concílio Vaticano II, essa dimensão ganhou outras características, mais fraternas e de corresponsabilidade. Somos chamados a dar nosso testemunho de autêntica vida em comunidade. Isso não exige apenas uma constante busca de renovação dessa vivência comunitária, mas requer abertura e contatos significativos de nossas comunidades religiosas aos grupos com os quais mantemos relações de vida e trabalho. Comunidades religiosas fechadas sobre si mesmas poucas chances terão de irradiar seu carisma comunitário, nem poderão ser ajudados por outros para se tornarem mais fiéis no seu testemunho de vivência fraterna.

c) *Compromisso com Jesus Cristo, modelo de vida humana*

Nossa cultura ocidental, que se diz cristã, pouco conserva da sua

raiz e fonte religiosa, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Nossa cultura é marcada pela tradição cristã, que oferece as mais variadas expressões e simbologias de uso corrente em nossa sociedade. Mas, por um processo de erosão cultural, o sentido religioso desses símbolos se esvaziou e muitos permanecem apenas com ornamentos de efeito literário ou como expressões de sentido atenuado ou transposto. Certas expressões chegam a assumir um sentido completamente invertido como é o caso na frase "gostoso como um pecado". O desafio do nosso tempo no mundo religioso cristão é criar ou recuperar uma simbologia convincente para o mundo dos valores e significados religiosos da nossa fé. Não será, por certo, um retorno aos símbolos do passado, mas deverá haver um caminho que possa levar os homens da cultura de imagem e da mídia eletrônica a refazer o caminho de experiências e realidades religiosas fundamentais. Entre essas se inclui o contato vivo com Jesus Cristo e sua Palavra, os Evangelhos. As igrejas eletrônicas tentam usar a TV para um projeto de pregação em massa, que sofre graves distorções pelos interesses comerciais que em geral comandam tais programações e pelo estrelismo de seus apresentadores. A nível de grande público, o uso bem planejado da mídia é um recurso de grande alcance pela penetração que esses meios têm. Mas não se pode ficar no nível emocionalmente carregado dos programas de auditório. O trabalho de massa não pode dispensar as experiências de pequenos grupos e a dimensão de profundidade. O homem moderno revela a necessidade e tem sede de

um contato autêntico com Deus vivo, o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na experiência de descoberta e diálogo com esse Deus encarnado se manifestam ao homem as dimensões amplas e o significado pleno de sua humanidade. O homem só se entende realmente, como disse o Concílio na "Gaudium et Spes", em confronto e em comunhão com o mistério de Jesus Cristo.

O religioso é por vocação um seguidor de Jesus Cristo, alguém que busca conhecer sua pessoa e identificar-se com sua missão. O Evangelho se revela num caminho de discipulado, de identificação efetiva e afetiva com o Senhor da Vida e da História, não em um novo código de normas e obrigações. Constitui parte essencial da missão do religioso tornar conhecido e amado o Mestre da Vida, Jesus Cristo, modelo perfeito de vida humana. Até para os que não chegaram à fé expressa no caráter divino da pessoa de Cristo, Jesus de Nazaré tem algo essencial a oferecer no sentido da humanização sempre mais completa do homem e com isso da superação de suas alienações e do seu pecado:

d) *Compromisso de fé com o transcendente*

A negação do transcendente, sobretudo de um outro transcendente, de um Deus pessoal, que estabelece diálogo com as criaturas, constitui característica comum dos vários humanismos intramundanos e das diversas formas de ateísmo. Levados talvez pelo cientificismo, que reduz a verdade ao que pode ser empiricamente comprovado, muitos contemporâneos descartam a razo-

bilidade da fé como ato humano. Como Deus não se constitui em hipótese científica nem entra no rol das forças ou energias empiricamente constatáveis, ele é simplesmente varrido do campo da consciência de muitos homens e mulheres da nossa era científica.

O caminho da reflexão filosófica, que pergunta pelas causas últimas e pelo sentido da vida, não costuma ser freqüentado por eles. Menos ainda o caminho da Revelação de um Deus que se comunica aos homens, se deu e dá a conhecer de muitas formas, mais plenamente através de Jesus Cristo.

A Vida Religiosa só tem sentido em nosso tempo à medida em que ela ajuda os homens a passarem pela experiência do Deus Vivo, do Deus imanente e transcendente à história, que se constitui na meta suprema e sentido último de toda nossa existência. Essa experiência, adquirida e atualizada pelo exercício da oração, permite aos homens de hoje e de sempre lidar tranqüila e confiadamente com os limites da existência humana. Vida e morte ganham novo sentido na superação da nossa existência encarnada numa existência superior, para além de tempo e espaço, numa vida nova de ressuscitados. O que a mente humana mal imagina, Deus o sonhou e preparou para os que o amam (8). Ser arauto da fé na ressurreição, de uma vida nova em Cristo que vive para sempre, constitui missão original e alvissareira para um discípulo de Jesus, particularmente para um religioso. Vivemos nós como ressuscitados? Temos nosso rosto iluminado pela luz da ressurreição e pela

esperança de uma vida que Deus nos permite partilhar e desenvolver? Viver e anunciar o Deus da vida deverá ser a grande paixão de todo religioso, a grande razão do seu viver e sentido de seus trabalhos e engajamentos. O Deus vivo é o único que pode desalojar os ídolos que teimam em tomar conta do coração humano, dando aquela confiança existencial cujo fruto é a paz que só Deus pode dar.

e) *Evangelizando o mundo do pobre*

A opção preferencial pela evangelização do pobre e de sua cultura é um desdobramento natural da opção preferencial pelos pobres, assumido pelos Bispos da América Latina, em Puebla e pela CNBB em seus planos pastorais e solidariamente pelos religiosos do nosso Continente. Os pobres têm direito a isso, pois sentem a sede de Deus como qualquer outra pessoa e estão, em geral, mais abertos ao Evangelho.

Os pobres da América Latina e do Brasil desenvolveram uma cultura de resistência, fruto de sínteses variadas de culturas originais (índigenas, africanas, européias e outras) num contexto de opressão. Essas sínteses, como nos alertou Puebla (10), expressam valores que animam o povo e desvalores que o enfraquecem. Um trabalho evangélico a nível cultural terá como ponto de partida uma atitude profunda de respeito e de amor a esses povos, e sua história, heróica e trágica ao mesmo tempo, e resistência à dominação cultural. A nova evangelização da cultura dos pobres na América Latina só será autêntica evangelização se for realizada a partir das culturas

esperanças e numa crítica evangélica de todas as culturas. Fará parte desse trabalho todo um esforço para a tradução da mensagem do Evangelho em uma linguagem e uma simbologia apropriados à compreensão e ao sentimento mais profundo do povo pobre (11) e de suas diferentes tradições culturais (12).

2. **Cultura Cristã nas várias idades e meios de vida**

Vimos alguns aspectos fundamentais de nossa cultura secular dentro da qual a Vida Religiosa é chamada a dar testemunho dos valores da nossa fé, traduzidos em sinais culturais e em valores que tenham vigência.

Esse testemunho quer ser universal, quer estender-se a todos os povos e culturas e atingir cada geração nas diversas idades e fases de sua vida. Quer ser uma ação à maneira do fermento, que trabalha por dentro e produz seu efeito visível, sem querer nem precisar de rótulo. O importante é o sabor, o gosto, a alegria que traz pela realização das mais profundas aspirações da vida humana.

Em sua presença e ação, a Vida Religiosa deverá manter-se atenta a esses vários meios e grupos de idade. O princípio da encarnação só dará seus frutos integralmente se o Evangelho chegar adequadamente ao modo de vida e situação evolutiva de cada pessoa e cada grupo etário. A título de iluminação, faremos um esboço de algumas questões que tocam cada idade e que receberão uma luz nova a partir da palavra e da

vida de Cristo irradiada por seus discípulos.

a) *Infância, adolescência e juventude: os desafios da iniciação. à fé*

Ninguém duvida hoje que o ser humano forma precocemente as características básicas da sua psique e os traços da sua personalidade. Essa formação inicia no seio materno (e sob vários aspectos bem antes) e se completa praticamente na adolescência. Quem lida com o ser humano nessa fase não é só a família ou a mãe. Conforme o meio social em que nasce a criança, cada vez mais estão presentes os especialistas (pediatras, reeducadores ou a empregada doméstica) e os meios de comunicação social cada vez mais difundidos em todas as classes sociais. Nesta fase se dá a primeira apropriação dos bens culturais, também da religião e da fé. Muito cedo nossas crianças passam a lidar com símbolos religiosos e com manifestação de vida religiosa, quer na família, quer através dos meios de comunicação de massa. Pesquisas recentes mostram que aumentou nos últimos anos o tempo de permanência das crianças e adolescentes brasileiros diante da televisão ou dos vídeos e de como se dá a influência da mídia produtora dessa cultura popular de massa que é a nossa televisão (13).

Bem podemos imaginar qual a precepção que essas crianças e adolescentes têm dos valores religiosos. Colocados precocemente em contato com o mundo dos adultos, ou recebendo o influxo deste mundo através dos adultos que lidam com ele, o ambiente secularizado ou marca-

do por um maternalismo prático vai fazendo seu caminho. As poucas noções de religião que a escola lhe poderá transmitir, dificilmente conseguirão desfazer essa impressão mais forte de uma religião apenas para uso social. Isto quando a religião não for usada como meio para disciplinar a criança. Que poderá ser feito para desfazer esse processo cheio de equívocos? O testemunho e a ação pedagógica do religioso que atua na educação, quer em Colégios tradicionais quer na educação popular, quer ainda num trabalho específico de ensino religioso poderão no seu âmbito contrapor uma outra visão e uma prática alternativa.

Experiências verdadeiras, de descoberta de Deus, em fases iniciais vida, bem como as experiências contrárias, tornam-se indeléveis e deixarão sua marca por toda a vida. Na fase juvenil, antes da fase do namoro, essa experiência se dá sobretudo no grupo de semelhantes. Daí a importância do trabalho religioso na assessoria de grupos e movimentos juvenis, bem como da formação de assessores para o campo da pastoral da juventude.

Nesse voltar-se para o mundo da criança e do jovem, os religiosos são chamados preferencialmente para a criança e o adolescente pobre, para a pastoral de juventude dos meios populares, a partir da qual jovens de outros meios poderão receber um novo impulso evangelizador.

b) *Os desafios da fé na vida adulta.*

Essa fase se alcança tanto pela independência econômica como por

outras circunstâncias, sobretudo por ocasião do casamento. A preparação para o casamento está pedindo uma presença mais forte das pessoas que têm fé e da Igreja como tal. Cada vez mais os jovens se sentem inseguros face ao compromisso do casamento e preferem realizar apenas o casamento civil. A instabilidade dos matrimônios encontra sua expressão no crescimento do número de separações, desquites e divórcios. Para outros, o casamento religioso conserva o valor de símbolo, o sentido de evento social, quando não uma ocasião para ostentar status. O sentido dos matrimônios como sacramento está cada vez mais distante, como está distante a visão do matrimônio como uma aliança indissolúvel, um pacto de vida a dois, aberto à prole e à comunidade.

O que pode devolver aos jovens casais o sentido de um compromisso permanente de amor? Pensamos que o compromisso do religioso através dos seus votos feitos a Deus e ao povo, constitui um paradigma que pode ajudar a resgatar o sentido profundo de uma vida estável no matrimônio cristão. A felicidade do religioso cresce e se afirma com a realização dos seus votos, na dinâmica de um amor que não se cansa e não arrefece diante das dificuldades. Que se alimenta e robustece por uma vida de intimidade com Deus e integração no corpo da Igreja. Como fazer a articulação entre Vida Religiosa renovada e a renovação do compromisso matrimonial? A mesma vida de Deus, a vida que gera mais vida e felicita ao que assim se doa, está presente em ambas as situações de vida.

A fé está cada vez mais ausente do mundo das profissões. "Negócios à parte" não parece valer apenas para o caso dos amigos. A religião é desterrada para o mundo privado do indivíduo e de sua família. O mundo dos negócios, da economia e da política segue suas leis, leis de mercado, leis de competição e dos interesses de grupos. O interesse do bem comum, no mundo do capitalismo liberal, seria atendido pela mão invisível que harmoniza os interesses particulares e pela ação supletiva do Estado.

A profissão na nossa cultura ocidental faz parte do mundo dos deveres e obrigações, em geral desgastantes, tediosos, pouco satisfatórios, às quais se procura fugir o mais rapidamente possível: fins-de-semana prolongados, férias e lazer constituem a inspiração maior da maioria, preenchem o mundo dos seus sonhos de felicidade.

Se olharmos bem, veremos a origem dessa insatisfação numa inversão de valores: o trabalho, que deveria realizar a pessoa e servir de meio para que o homem submetta a natureza para o bem de todos, foi subjugado ao interesse de alguns, convertido em mercadoria e tornado mais penoso do que deveria ser, pela sua natureza. Ele foi esvaziado de grande parte de seu sentido personalizante e de sua finalidade social.

O religioso poderá contribuir para o resgate do sentido autêntico do trabalho pelo estilo do seu trabalho e por sua ação para mudar a atual alienação do trabalho humano. Trabalhar moderadamente, de forma ordenada, competente e segundo as

leis da ciência e da técnica, constitui um testemunho necessário de quem quer ajudar na transformação do trabalho a partir da fé. Mas é preciso ir mais longe, buscando a transformação da ordem econômica, origem de tantas injustiças, criando uma ordem que dê prioridade aos interesses e necessidades do bem comum, sem descartar um espaço de liberdade para a iniciativa de cada um. Nesse mundo de mais justiça também o lazer terá função, uma função de refazer as forças e expandir a criatividade pelo livre exercício de uma arte ou o convívio pelo prazer de conviver, não uma nova forma de compulsão para o consumo.

c) *Evangelização da terceira e quarta idades*

Viver, para muitos, é temer a morte. Esse temor aumenta com o passar dos anos. Com a chegada da terceira idade (dos 60 aos 75 anos) e da quarta idade dos 76 aos 90 e mais) esse temor se acentua naqueles que não aprenderam a compor vida e morte como aspectos integrantes da existência humana. Teme a morte quem não sabe viver, quem não levou a vida que ele queria ou desejou levar e quem não se orienta numa perspectiva de fé.

A velhice é um tabu em nossa cultura. Uma sociedade que supervaloriza a produção e o vigor para o trabalho, tende a ver nos idosos um estorvo, que é preciso afastar. A construção civil, voltada para o lucro, reduz as dimensões das casas e dos apartamentos ao mínimo ne-

cessário, não deixando espaço para o velho, avô, avó ou tia. Seu destino então passa a ser a clínica geriátrica ou o asilo. Pobre a sociedade que trata assim os seus velhos, que não aprendeu a respeitar e manter junto de si os que ontem fizeram as riquezas de hoje e que têm a sabedoria de quem soube viver e amar! Nossa sociedade utilitarista tornou-se uma sociedade gerontocida: glorifica o jovem e a juventude, desvalorizando a velhice e esmagando o velho, a ponto de provocar sua morte.

A valorização da terceira e quarta idades começa com a preparação de cada pessoa para essa fase da vida. A melhor preparação consiste em viver plenamente e bem a nossa vida como um dom do Criador. Viver bem inclui a observância das leis da natureza, no uso adequado e moderado das funções do corpo, no cultivo da saúde, na regularidade e adequação da alimentação, do trabalho, do repouso e do sono.

É preciso separar a velhice da doença. Velhice não é doença; doença existe em todas as idades. A velhice pode ser vivida em situação de perfeita saúde. Sabe-se hoje que é possível, do ponto de vista biológico, chegar a uma idade muito avançada, que alguns gerontólogos projetam hoje em 115 a 120 anos. Para a Vida Religiosa, a terceira idade põe esses mesmos problemas, com características que são próprias da vida consagrada. O desafio de superar os tabus dessa idade deve ser respondido também pelos religiosos. A construção de casa de saúde, bem aparelhada e com todo atendi-

to, pode ser uma solução para os idosos doentes, necessitados de atenção especializada, mas pode ser também uma maneira sutil de nos livrarmos dos velhos, dos cuidados e atenções que esses podem pedir de nós.

Como tratamos os velhos de nossa comunidade? Que valores prevalecem de fato nas decisões a respeito deles? Nosso exemplo de acolhida e trato humano das pessoas de idade será testemunho de nossa fé no valor da pessoa em qualquer idade em que se encontre. Mais ainda, ajudará a pessoa de idade a sentir-se bem no meio da comunidade, a não pensar que ele é um estorvo e que por isso faria melhor em pedir sua remoção para a casa de saúde. Trata-se, em última análise, de dar o testemunho do valor da vida e da

convivência como forma de amor efetivo para cada ser humano.

Conclusão

A nova Evangelização, com ênfase na evangelização da cultura e com uma preferência pelo mundo dos pobres, oferece uma oportunidade preciosa à Vida Religiosa para ser eficaz no testemunho da Vida Plena que Cristo nos trouxe e que é tarefa nossa vivenciar e anunciar ao mundo (14). Nossa alegria será completa na realização sempre mais plena dessa vocação, tão carregada de esperanças para a Igreja e para o mundo dos homens, sobretudo da multidão dos pobres da América Latina. Quem viver nessa esperança, fundada na fé em Cristo, não irá decepcionar-se jamais, pois será fonte de vida nova e inesgotável.

NOTAS

(1) Cf. Palmés, Carlos. **Teologia do Batismo e Vida Religiosa renovada**. São Paulo, Loyola, 1985. Ver nº 2.6: sem encarnação não há redenção. (2) Cf. Puebla, nº 401. (3) Puebla, nº 394; cf. *Evangelii Nuntiandi*, nº 19. (4) Cf. Puebla, nº 722; ver também *Evangelii Nuntiandi*, nº 69. (5) Encíclica *Laborem Exercens*, nº 13: o Economismo e o materialismo. (6) *Sollicitudo Socialis*, nº 38. (7) Paulo Auster, **No País das últimas Coisas**, S. Paulo, Ed. Best Seller, 1990. (8) Cf. 1 Cor 2,9. (9) Cf. Puebla, nº 393. (10) Cf. Puebla, nº 386. (11) Cf. Puebla, nº 404. Recomendase ler todo o capítulo; muito rico em análises e suges-

tões, sobre a Evangelização da Cultura, nos números 385 a 443 do Documento de Puebla. (12) Na variada literatura sobre as diversas tradições culturais, destacaria o livro de Marcus Claudio Acquaviva, **Lendas e Tradições das Américas**. Arqueologia, etnologia e folclore dos povos latino-americanos. São Paulo, Hemus Ed. Ltda., s/d. (13) Cf. Renato Ortiz e outros. **Telenovela, história e Produção**, São Paulo, Brasiliense, 1989; ver capítulo sobre os produtores culturais: ilusões, aspirações e conflitos, p. 157-168. (14) Cf. Cor 9,16: "Anunciar o Evangelho... é uma obrigação que se me impõe". □

Quando abandona o mistério de Deus, o homem inventa festas e liturgias que o mergulham em seu próprio mistério.

ÍNDICE ALFABÉTICO POR AUTOR

CONVERGÊNCIA, ANO DE 1990

Este índice foi feito seguindo este critério: AUTOR. E abrange apenas o ano de 1990. O primeiro algarismo representa o número da revista. E o segundo, indica a página.

Ir. Yolanda Nascimento, MJC

Rio de Janeiro, RJ

ALMEIDA, Pe. Antonio J. de — Novos ministérios na Igreja do Brasil	235/413
ALMEIDA, Pe. Dalton Barros de, CSSR — Formação, vida afetiva e comunidade	229/18
ANTONIAZZI, Pe. Alberto — Cultura científica: desafio para a Igreja e a Vida Religiosa	237/539
AZEVEDO, Pe. Marcello, SJ — Espiritualidade de uma Nova Evangelização	231/147
— Missão e Vida Religiosa	230/118
— Modernidade e Evangelização	234/369
AZZI, Riolando — A Educação Católica no período da Romanização da Igreja do Brasil: 1840-1960	229/48
— A segunda Evangelização do Brasil	235/433
BAQUERO MIGUEL, Pe. Victoriano, SJ — Autobiografia	231/175
— Negativismo e vida afetiva	234/381
BERNADETTE-MARIE, Ir., RSCM — Centenário da morte de Padre João Pedro Antônio Gailhac (Informe da CRB)	229/11
BINGEMER, Maria Clara Lucchetti — A Pneumatificação da antropologia da Igreja e da práxis	233/258

BROSHUIS, Inês — Campanha da Fraternidade/1990	230/85
CARVALHEIRA, Dom Marcelo Pinto — Fundamentos eclesiológicos da organização dos cristãos leigos	231/183
CERIS — Institutos Religiosos e Sociedades de Vida Apostólica (Informe da CRB)	235/393
CERVEIRA, Ir. Célia Gomes, SSD — Ata da Reunião dos Superiores Maiores responsáveis por Meios de Comunicação Social Escrita (Informe da CRB)	229/5
CLAR/JUNTA DIRETIVA — Correspondência à S. Emcia. Jerome Cardeal Hamer, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica (Informe da CRB)	230/69
CLAR/PRESIDÊNCIA. COSCIA, Fr. Luis, OFM Cap — Carta da Presidência da CLAR aos Presidentes e Presidentas das Conferências Nacionais da Vida Religiosa na América Latina (Informe da CRB)	230/75
CNBB/BISPOS DO REGIONAL NORTE I E NORTE II — Em defesa da vida na Amazônia (Informe da CRB)	235/386
CNBB/LINHA 2: DIMENSÃO MISSIONÁRIA — Programa Igrejas-Irmãs (Informe da CRB)	232/206
CNBB/LINHA 2: DIMENSÃO MISSIONÁRIA / CRB — Relatório da viagem missionária à África (1ª parte)	236/472
— Relatório da viagem missionária à África (2ª parte)	237/560
CNBB/SPM/CPT/CPO/ACO — O desafio Pastoral frente aos grandes projetos (Informe da CRB)	235/389
CNBB/28ª ASSEMBLÉIA GERAL — Educação no Brasil: uma urgência (Informe da CRB)	235/390
CODINA, Pe. Victor, SJ — Espiritualidade da Nova Evangelização ..	235/402
COMBLIN, Pe. José — Inculturação e libertação	235/423
CRB/CONSELHO SUPERIOR. GRECY, Ir. Aurélia Maria Gonçalves — Ata da Reunião Ordinária do Conselho Superior da CRB (Informe da CRB)	231/130
CRB/REGIONAL DE SÃO PAULO. EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA — Formação e Profetismo (Informe da CRB)	232/202
DALL'ALBA, Pe. Angelo, Josefino de Murialdo — Ano Murialdino: 30 de março de 1990 a 15 de maio de 1991 (Informe da CRB)	230/83
EDE MARIA, Ir., CF — Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas 1915-1990 (Informe da CRB)	229/10
FASSINI, Pe. Atico, MS — Ata da Reunião conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB)	230/76
— Ata da Reunião conjunta da Presidência da CNBB com a Diretoria Nacional da CRB (Informe da CRB)	236/450
— IV Encontro de Conferências de Religiosos do Cone Sul (Informe da CRB)	229/3

FORMENTINI, Valdir A., OSFS — Juventude da Vida Religiosa em processo de formação para a Missão (Informe da CRB)	230/80
FRAGOSO, Fr. Hugo, OFM — O etnocentrismo na primeira Evangelização do Brasil	233/289
FRATERNIDADE DAS IRMÃZINHAS DE JESUS — Jubileu da Fraternidade (Informe da CRB)	231/144
FREITAS, Ir. Maria Carmelita de, FI — Potencial profético da mulher Latino-americana na Igreja e na sociedade	230/95
GARUTI, Pe. Alberto — Formação para a Missão, hoje	231/156
GEBARA, Ivone — Donas de casa, profetisas e poetisas no combate sem glória	234/356
JOÃO PAULO II — Mensagem do Papa sobre as Vocações	234/322
— Promover e animar a Nova Evangelização	232/194
KRAUTLER, Dom Erwin — “Destruir a terra é destruir os filhos da terra”	236/452
LAPENTA, Pe. Victor Hugo Silveira, CSSR — Uma pesquisa sobre a afetividade dos Religiosos do Brasil	229/31
LEERS, Fr. Bernardino, OFM — Fé e ethos cultural	236/497
LENZ, Pe. Matias Martinho, SJ — Vida Religiosa como crise no processo cultural	238/624
LEONARDI, Pe. Giuseppe — Seminaristas na Pastoral Universitária (PU): Sim ou Não?	238/578
LIBÂNIO, Pe. J. ., SJ — Viver a fé em um mundo culturalmente pluralista	238/609
LORSCHIEDER, Cardeal Aloísio — “Igreja Brasileira”, esclarecimento e procedimento (Informe da CRB)	231/137
LORSCHIEITER, Dom Ivo — Projeto “MISSÃO ALÉM FRONTEIRAS” ..	236/462
MACCISE, Pe. Camilo, OCD — Maria e a Nova Evangelização	232/211
MARGERIE, Pe. Bertrand, SJ — São João da Cruz e o Mistério Pascal ..	238/585
MARTINEZ GONI, Ir. M. Blanca, RMI — Santa Vicenta Maria, 100 anos de vida em Deus: 1890-1990 (Informe da CRB)	231/137
MATTOS, Fr. Luís Augusto de, OSA — O serviço à Saúde e a ética da vida (Informe da CRB)	229/8
MONGIANO, Dom Aldo — Carta do Bispo de Roraima (Informe da CRB)	234/329
NEEFJES, Fr. Félix, OFM — Nova Evangelização e o Ecumenismo no Brasil	232/242
OLIVEIRA, Pe. Antônio Netto de, SJ — O assunto da Formação é o Juniorato ((Informe da CRB)	231/142
OLIVEIRA, Pe. Manfredo Araújo de — A dinâmica atual da cultura brasileira e os desafios da Evangelização	233/304

PADUIM, Ir. Teresa, SCVM — Relatório sobre a Missão Intercongregacional em Roraima (Informe da CRB)	234/326
PALEARI, Pe. Jorge, PIME — A Missão hoje	230/106
PEIXOTO, Fr. Luiz Fernando, OFM — Nova Evangelização e Vida Religiosa: exigência de conversão	229/13
POSSAMAI, Dom Antônio — Serviço Pastoral dos Migrantes (Informe da CRB)	235/388
REHBEIN, Franziska Carolina, SSps — A vida da Trindade em nós ..	232/221
RIBEIRO, Ir. Elza — Encontro Nacional sobre Juniorato (Informe da CRB)	231/134
— PROFOCO = Breve histórico e prospectiva (Informe da CRB)	231/131
ROY, Ir. Ana — Terra e mulher: tal mãe, tal filha	237/550
SANTA SÉ/CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. HAMER, Cardeal Jean Jerome e FAGIOLO, Dom Vincenzo — Carta aos membros da Junta Diretiva da CLAR (Informe da CRB)	230/74
SANTA SÉ/CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. HAMER, Cardeal e FAGIOLO, Dom Vincenzo — Correspondência à CRB (Informe da CRB)	230/68
SANTA SÉ/SECRETARIA DE ESTADO. CASAROLI, Cardeal Agostino — Correspondência à S. Emcia. o Cardeal Hamer (Informe da CRB)	230/68
SILVEIRA, Ir. Luiz, FMS — Marcelino Champagnat: uma outra Revolução Francesa	232/253
SÍVERES, Pe. Luiz, SVD — Pastoral Vocacional: chamados e enviados para Evangelizar	234/330
SOUZA, Pe. Marcelo de Barros, OSB — A Vida Contemplativa e a Nova Evangelização	234/344
SUESS, Pe. Paulo — A multiplicidade das vozes na conquista espiritual das Américas	237/524
SUSIN, Fr. Luiz, OFMCap — “Clamor” e “Diálogo” na Vida Religiosa ..	238/594
TEREZA R. A., Ir. — Celebrando o Centenário. 1889-1989 (Informe da CRB)	231/136
VALLE, Pe. Edênio, SVD — Comunicado do Presidente da CRB aos Superiores/as Maiores sobre: “PLANO PALAVRA-VIDA. E AGORARA?” (Informe da CRB)	232/199
VASCONCELOS, Ir. Daniela, IJBP e RIBAS, Ir. Jorge Moreira, FMS — XLI CERNE e CERNE XLII (Informe da CRB)	231/144
VILELA, Ir. Marcella, OSB — Notícias do PROFOCO (Informe da CRB)	237/515
WEILER, Lúcia — Uma leitura feminista da Bíblia: Perspectivas hermenêuticas	233/272



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante

Rio de Janeiro, RJ
1 de dezembro de 1990

Na gruta aberta, onde o gado se recolhia para abrigar-se da noite e comer o feno, Maria e José se agasalharam. E Maria deu à luz, ali, seu **Unigênito Filho, JESUS**. Deus quis mudar a nossa vida nascendo no meio de nós. Diante deste quadro que nossos presépios renovam, cada um se sente como uma ave de arribação que volta ao ninho abandonado, trazendo nas asas a poeira das estradas e o aroma de árvores exóticas em que pousou em remotas regiões. Temos vontade de chorar. Chorar de alegria e emoção. De joelhos, reze comigo, com paz e pausadamente:

— No princípio era o Verbo. E o verbo estava em Deus. E o Verbo era Deus. E o Verbo se fez homem e habitou entre nós. Recebei, Senhor Jesus, agora e sempre, o trabalho de nossas mãos e a oferenda de nossa vida e de nosso ser. Amém.

É NATAL. JESUS NASCEU.

Boas Festas, **Religioso Presbítero**, solicito dispensador dos Mistérios de Deus em seu ministério. Jesus confirme sua certeza: por Ele, Você é o ponto de um memorável encontro de Deus que procura o homem e dos homens que procuram a Deus. Este Natal seja, mais uma vez, a descoberta de sua parte da prova da parte de Deus de quanto é real o Seu amor por nós.

Boas Festas, **Religiosa Irmã**, mulher de estilo novo porque novos são os tempos. Sua preocupação única seja a minha e a de todos: fidelidade à missão. SER PARA o Pai, santa, portanto. A santidade é o ser de Deus. SER PARA os irmãos, por isso, missionária e evangelizadora. JESUS nos quer no jeito que Ele foi, do jeito que Ele é.

Boas Festas, **Religioso Irmão**, homem de fronteira e em construção. Viva cada dia mais apaixonadamente convicto da grandeza dos valores de sua laicidade consagrada e mais sinceramente apaixonado por ela. Você sabe a quem se entregou. Não estamos sozinhos. JESUS caminha conosco. Não há surpresas desastrosas se o temos por companheiro.

Boas Festas, **Juniorista**. Você tem a cor da aurora do novo dia esperado para nossas Congregações. O futuro possível a gente faz todo dia. Na alegria e no gosto de viver uma fé em caminho, o incentivo para toda hora e para todo desafio. Não parar! Não se cansa quem vive feliz. JESUS afiança, como força imanente, sua esperança otimista: se hoje tudo já é ótimo, o amanhã se denuncia com evidências de que será melhor ainda.

Boas Festas, **Religioso e Religiosa**, na primeira, segunda, terceira e quarta idades, em formação inicial ou não, em estudos sistemáticos intermediários e fora deles, formador e formando, superior e súdito, e quem quer que seja não incluído nestas categorias, **Boas Festas. Feliz NATAL. Próspero 1991**. O ano vai se acabando. A amizade e a vida continuam. Deixa a felicidade tomar conta de Você.

O Natal recorda e revive fatos e imagens que se associam às batidas do coração. A memória obediente registra. Natal e Ano Novo: **tempo de reconhecer para agradecer**: a proteção, a presença, a ação, o envolvimento, a luz, a força, a paz, a inspiração, a bênção, a benevolência de nosso Deus. **Tempo de louvar e adorar** a bondade de Deus que é sempre PAI, insondável presença de amor, inesgotável da generosidade do perdão, inexprimível dom gratuito do que é em si mesmo. **Tempo de confiar e suplicar** porque Deus vai continuar PAI confiável, sem amarguras, nem ressentimentos, nem rancor. E em JESUS se mostra um PAI plenamente humano, terreno, acessível, ao alcance da mão.

A sensibilização espiritual e a ternura típicas deste tempo do NATAL DE JESUS sejam duradouras e nos envolvam a todos ao longo do ANO NOVO na luminosidade de uma esperança e de um amor sempre renovados. JESUS nasceu e se fez solidário conosco na busca da paz e da fraternidade.

Desejando-lhe **toda PAZ** — consigo, com o próximo, com Deus — e **todo BEM**, com exclusão da injustiça e da opressão hoje e sempre, ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator/Responsável/Convêrgencia